

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRODUÇÃO CULTURAL**

**CORPO (RE)VELADO:
A PRESENÇA DO NU NA FOTOGRAFIA E SUAS DIMENSÕES ARTÍSTICA
SOCIAL E POLÍTICA**

WANDERLEI DAUDT

**NITERÓI
2023**

WANDERLEI DAUDT

CORPO REVELADO:
A PRESENÇA DO NU NA FOTOGRAFIA E SUAS DIMENSÕES ARTÍSTICA
SOCIAL E POLÍTICA

Monografia apresentada ao curso de
Produção Cultura da Universidade
Federal Fluminense como requisito
parcial para a obtenção do grau de
bacharel em Produção Cultural

Orientadora: Prof. Dra. Flávia Lages

NITERÓI

2023

WANDERLEI DAUDT

CORPO REVELADO:
A PRESENÇA DO NU NA FOTOGRAFIA E SUAS DIMENSÕES ARTÍSTICA
SOCIAL E POLÍTICA

Monografia apresentada ao curso de
Produção Cultural da Universidade
Federal Fluminense como requisito
parcial para a obtenção do grau de
bacharel em Produção Cultural

Orientadora: Prof. Dra. Flávia Lages

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Flávia Lages
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Neide Marinho
Universidade Federal Fluminense

Me. Raphael Ribeiro
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao **vigésimo dia do mês de dezembro do ano de 2023**, às **dezesesseis horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **Corpo (Re)velado: A presença do Nu na fotografia e suas dimensões artística, social e política**, apresentado por **Wanderlei Daudt**, matrícula **116033005**, sob orientação do(a) **Dra. Flavia Lages de Castro**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Flavia Lages de Castro**

2º Membro: **Dra. Neide Aparecida Marinho**

3º Membro: **Me. Raphael Ribeiro**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:



Documento assinado digitalmente
FLAVIA LAGES DE CASTRO
Data: 20/12/2023 13:45:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente da Banca

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D238c Daudt, Wanderlei
Corpo (Re)velado : A presença do Nu na fotografia e suas dimensões artística, social e política / Wanderlei Daudt. - 2023.
100 f. : il.
Orientador: Flavia Lages De Castro.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2023.
1. Nu. 2. Corpo. 3. Arte. 4. Fotografia. 5. Produção intelectual. I. De Castro, Flavia Lages, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

À todos os artistas que tentam fazer
do mundo um lugar melhor e
incomodam aqueles que querem
torná-lo um lugar pior

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por todo o apoio.

À coordenação curso de Produção Cultural pela dedicação.

À Universidade Federal Fluminense pelo acolhimento.

À todos os professores do Departamento de Artes.

À minha orientadora Flávia Lages pela assistência.

À professora Neide Marinho pelo carinho.

Às professoras Marina Bay Frydberg e Marisa S. Mello por tanto conhecimento compartilhado.

Aos professores Luiz Mendonça, João Domingues, Kyoma Oliveira, Leonardo Bora e Thiago Grisolia pelas aulas tão especiais.

Aos amigos que fiz ao longo dessa trajetória na UFF.

RESUMO

Esta monografia trata-se de um estudo sobre a relevância do Nu na fotografia e conseqüentemente nas demais artes visuais. Esta pesquisa teve como objetivo geral evidenciar a importância de trabalhos artísticos ligados a nudez, usando-a como fonte de significado. O Nu foi analisado a partir de três perspectivas diferentes, artística, social e política no intuito de reconhecer a potencialidade do tema observando as capacidades de abordar uma diversidade de questões sociais e políticas, afastando-se de uma noção superficial do nu ligado exclusivamente ao sexo ou a polêmica. O método utilizado uniu uma bibliografia que discute o corpo, material de mídia online e entrevistas com artistas que abordam o nu em seus trabalhos para discutir os caminhos atravessados pelo Nu na arte.

Palavras-chave: Nu. Corpo. Arte. Produção artística. Fotografia. Política

ABSTRACT

This monograph is a study of the relevance of the nude in photography and consequently in the other visual arts. The general aim of this research was to highlight the importance of artistic works linked to nudity, using it as a source of meaning. The nude was analyzed from three different perspectives: artistic, social and political, with the aim of recognizing the potential of the theme by observing its ability to address a variety of social and political issues, moving away from a superficial notion of the nude linked exclusively to sex or controversy. The method used combines a bibliography that discusses the body, online media material and interviews with artists who approach the nude in their work to discuss the paths taken by the Nude in art.

Keywords: Nude. Body. Art. Artistic production. Photography. Politics

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vênus de Willendorf	22
Figura 2 - Vênus de Ranancour	22
Figura 3 - Vênus de Hohle Fels	22
Figura 4 - Taradinho de Lapa do Santo	23
Figura 5 - Gravura rupestre, Serra da Capivara	23
Figura 6 - Davi de Michelangelo	26
Figura 7 - Vênus de Milo	27
Figura 8 - A Criação de Adão	29
Figura 9 - Vênus de Urbino, Ticiano	29
Figura 10 - Dante e Virgílio, William Bouguereau	30
Figura 11 - A Origem do mundo, Gustave Courbet	31
Figura 12 - As Banhistas, Paul Cézanne	31
Figura 13 - Les Demoiselles d'Avignon, Pablo Picasso	32
Figura 14 - Abaporu, Tarsila do Amaral	32
Figura 15 - O Sonho da Mulher do Pescador	33
Figura 16 - Shunga, mulher tendo um sonho erótico	34
Figura 17 - Shunga de de Kikukawa Eizan	34
Figura 18 - Fonte de Sangue - Malangatana Ngwenya	35
Figura 19 - Nu com Flores, Malangatana Ngwenya	35
Figura 20 - Vista da janela em Le Gras, Joseph Nicéphore Niépce	36
Figura 21 - Negativo mias antigo, Henry fox Talbot	37
Figura 22 - Boulevard du temple paris, Louis Daguerre	38
Figura 23 - Mulher Nua Sentada, Eugène Durieu	39
Figura 24 - Casal Nu, Eugène Durieu	39
Figura 25 - Homem Nu Correndo	40
Figura 26 - Mulher nua derramando água sobre outra mulher nua, Muybridge	41
Figura 27 - Garoto nu pulando sobre as costas de outro garoto, Muybridge	41
Figura 28 - Homem nu sentado, Eakins	42
Figura 29 - Estudo de movimento - Garoto pulando para direita, Eakins	43
Figura 30 - Fauno, Gloeden	43
Figura 31 - Lutadores, Gloeden	44
Figura 32 - Ken, Lydia e Tyler, Mapplethorpe	45
Figura 33 - Homem de terno de poliéster, Mapplethorpe	46
Figura 34 - Autorretrato com chicote, Mapplethorpe	46
Figura 35 - Dois homens de sunga, Gomes	47
Figura 36 - Banhistas na praia da Barra, Gomes	48
Figura 37 - Sinfonia de Ícones, Gomes	48
Figura 38 - Afresco de Príapo em Pompéia	51
Figura 39 - Criança no Kanamara Matsuri	53
Figura 40 - Kanamara Matsuri	53
Figura 41 - O falo no andor	54
Figura 42 - Avô do Fernando Schlaepfer para o projeto 365 Nus	61
Figura 43 - Autorretrato Fernando Schlaepfer	61
Figura 44 - Vinheta Globeleza 2017	64
Figura 45 - A Evolução da Globeleza	65
Figura 46 - Fotografia pai e filho no chuveiro	71
Figura 47 - Vênus censurada	72
Figura 48 - Sebastião Salgado na Amazônia	73
Figura 49 - Poesia com Elos	75
Figura 50 - Poesia com Elos	75
Figura 51 - Poesia com Elos	76
Figura 52 - Fotografia Spencer Tunick	78
Figura 53 - Protesto Spencer Tunick	78
Figura 54 - Guerrilla Girls MASP	80
Figura 55 - Mon Laferte protesta no Grammy	81

Figura 56 - Ciclista protestando	81
Figura 57 - Naked Bike Ride no Rio de Janeiro	82
Figura 58 - Gal Oppido	83
Figura 59 - Filipe Chagas	84
Figura 60 - Capa da primeira edição da Falo Magazine	85
Figura 61 - Fotografia de Gal Oppido	85
Figura 62 - Capa da edição n° 30 da Falo Magazine	86
Figura 63 - Fotografia de Gal Oppido	87
Figura 64 - Fotografia de Gal Oppido	88
Figura 65 - Edição Davi, Falo Magazine	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	
CORPO: SENTIDO E SENTIMENTO	13
O CORPO	13
CORPOREIDADE	16
CORPO VIVIDO	18
CAPÍTULO 2	
CORPO ARTEFATO: BREVE HISTÓRICO DO NU NAS ARTES VISUAIS	20
O CORPO NA ARTE	20
ARTE RUPESTRE	20
ESCULTURA	24
PINTURA	27
FOTOGRAFIA	36
CAPÍTULO 3	
CORPO SOCIAL: ASPECTOS CULTURAIS DO NU	50
O CORPO E SEUS SIGNOS	50
JAPÃO: O KANAMARA MATSURI E O CULTO AO FALO	52
CORPO IDENTIDADE: COERSÃO E COMPORTAMENTO	54
CORPO E AUTOESTIMA: A LEGITIMAÇÃO DA BELEZA	58
O NU NATURAL: E O OLHAR DESNATURALIZADOR DO INVASOR	62
BRASIL: O CARNAVAL, A GLOBELEZA E OS DESDOBRAMENTOS DO RACISMO ..	64
CAPÍTULO 4	
CORPO POLÍTICO: AS NORMAS DA CONDUTA CORPORAL	70
O CORPO VELADO	70
O CORPO REVELADO	76
CAPÍTULO 5	
O DIÁLOGO NU: ENTREVISTAS COM GAL OPPIDO E FILIPE CHAGAS	83
CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
REFERÊNCIAS DE MÍDIA E INTERNET	96

INTRODUÇÃO

A partir da consideração de que a representação do corpo humano nu serviu, e continua servindo, de forte inspiração para a arte há milhares de anos, este trabalho busca investigar o destaque dado a nudez nos diversos campos artísticos com foco maior na fotografia. Importante ressaltar que não se trata apenas de fotografia como arte, mas também como registro histórico e documental.

Apesar de estar presente em diversas manifestações artísticas ao longo da história da Arte, o Nu ainda enfrenta certa crítica, rejeição e até mesmo censura nos dias atuais. Mas se o Nu é elemento tão primordial na produção artística no mundo, por que continua a ser entendido como um tabu por parte da sociedade nos dias de hoje?

Desviando de uma noção rasa do Nu sempre almejar o escândalo ou estar sempre ligado ao sexo, conduzi a minha pesquisa no intuito de mostrar que o Nu pode se relacionar com outras dimensões da vida humana.

A primeira dimensão é a artística, traçando uma relação histórica da nudez com algumas manifestações artísticas. A segunda é a dimensão social, buscando relacionar o Nu com questões sociais que ele atravessa. A terceira, por fim, é a dimensão política, discutindo a respeito da censura e o modo como a nudez pode ser usada como ferramenta de protesto.

Dito isto, o objetivo principal deste trabalho é demonstrar a relevância da imagem do Nu para as artes visuais, em especial a fotografia. Observando sua potência como fonte de expressão artística e mecanismo de reconstrução de valores éticos, estéticos e sociais. Reforço que este é um estudo essencialmente sobre Arte e não sobre moralidade.

No primeiro capítulo, objetivando dar base a pesquisa, busquei num primeiro momento, refletir sobre a forma como o corpo foi ou é compreendido socialmente em momentos da história, a partir da visão das ciências sociais.

No segundo capítulo, tracei o desafio de fazer um breve histórico do Nu na arte, em quatro manifestações artísticas onde o Nu apresenta importância considerável, a arte rupestre, a escultura, a pintura e a fotografia, essa última com um foco mais evidente. Importante salientar que devido a quantidade

abundante de Nu, nessas e em outras linguagens artísticas, esse breve histórico tem por objetivo principal apresentar exemplos que deem base a discussão do trabalho. Logo se trata de uma pesquisa resumida. Ademais, pelo fato da Europa geralmente ter uma presença preponderante nos conteúdos de Arte divulgados e celebrados publicamente, parte desse histórico tem uma predominância inevitável da arte europeia.

No terceiro capítulo, orientei o olhar para o Nu sob o aspecto social. Notando, por exemplo, como manifestações culturais em diferentes sociedades e culturas lidam com a nudez de forma heterogênea. Como a imagem do Nu ganha diferentes conotações a partir de distintas perspectivas. Como o corpo se torna objeto a partir da perspectiva do racismo. Como os gêneros são domados a partir da lógica binária de divisão de gênero, assim como a nudez masculina e feminina são entendidas de forma desigual. Busquei também refletir sobre a questão da autoestima e o modo como as pessoas lidam com seus corpos e com os ideais de beleza. E por fim, abordo a noção de nu natural indígena e o choque cultural ocorrido com a chegada do invasor europeu no Brasil.

No quarto capítulo, abordo a política e a força que ela exerce sobre os corpos dos indivíduos. As tentativas de censura ao Nu nas redes sociais, e os mecanismos pouco eficazes para distinguir entre a nudez artística e a nudez pornográfica. Como consequência da censura, busco demonstrar a maneira como manifestantes se apropriam do Nu como arma de protesto.

No quinto capítulo apresento uma síntese de duas entrevistas feitas com dois artistas que tem trabalhos relacionados ao Nu, Gal Oppido, fotógrafo e multiartista, e Filipe Chagas, criador e editor da Falo Magazine, publicação digital que aborda o Nu masculino na Arte.

Para cumprir com esses objetivos, as bases teóricas da minha pesquisa são fundamentadas nos estudos sobre corporeidade e os demais aspectos que a circulam, a Arte, a beleza, a sexualidade, a expressão, a identidade. Entre os autores utilizados estão: o sociólogo francês David Le Breton, a filósofa estadunidense Judith Butler e o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, entre outras obras e trabalhos acadêmicos. Além de publicações de mídia e internet que também colaboraram como fonte de informação necessária para conduzir a pesquisa. Ao buscar autores que dialoguem com

pelo menos um aspecto que relacione corpo e expressão, pretendo criar caminhos de construção de sentido que atravessem o tema principal, ajudando a fundamentar a pesquisa e a criar conexões entre corpo (nudez), cultura (arte) e sociedade (identidade).

CAPÍTULO 1

CORPO: SENTIDO E SENTIMENTO

O CORPO

Desde a antiguidade o corpo humano é alvo de reflexão a respeito do papel que desempenha enquanto mediador entre o sujeito que “reside” no seu interior e o mundo. Ao longo da história, o modo como o corpo (físico) vai ser interpretado, e o valor ou desvalor concedido a ele a partir dessa interpretação, vai contribuir para a formação do olhar disposto a reconhecer ou negar a sua importância, de forma que a relevância dada a ele vai sofrer variação no tempo, cultura e espaço ao qual esse corpo pertence. Os atributos de qualidade ou defeito vão definir o grau de prioridade dado ao corpo. Antes de chegar ao ponto central de discussão sobre o Nu presente na Arte, é pertinente analisar esse conjunto de sentidos aos quais o corpo está atrelado.

Nos diálogos clássicos gregos escritos por Platão se manifesta a forma como ele ao propor uma divisão entre corpo e alma definiu um grau de relevância a cada um. Nessa hierarquia platônica a alma está acima do corpo, a ela estão atribuídas as qualidades que realmente importam, enquanto ao corpo aquilo que pode e deve ser renegado.

“- E os demais prazeres, que entendem com os cuidados do corpo? És de parecer que lhes atribua algum valor? A posse de roupas vistosas, ou de calçados e toda a sorte de ornamentos do corpo, que tal achas? Eles os aprecia ou os despreza no que não for de estrita necessidade?

- Eu, pelo menos, respondeu, sou de parecer que o verdadeiro filósofo os despreza.

- Sendo assim, continuou, não achas que, de modo geral, as preocupações dessa pessoa, não visam ao corpo, porém tendem, na medida do possível, a afastar-se dele para aproximar-se da alma?

-É também o que eu penso.” (PLATÃO; NUNES, 2011, p. 69)

Segundo o pensamento platônico, o corpo, banal, mundano e necessitado das coisas frívolas, condena a alma, presa a este corpo e sem alternativa, à viver tais humanidades que a impedem de encaminhar-se em direção aquilo que de fato teria relevância.

“(…) Não têm conta os embaraços que o corpo nos apresta, pela necessidade de alimentar-se, sem falarmos nas doenças intercorrentes, que são outros empecilhos na caça da verdade. Com amores, receios, cupidez, imaginações de toda a espécie e um sem número de banalidades, a tal ponto ele nos satura, que, de fato, como se diz, por sua causa jamais conseguiremos alcançar o conhecimento do quer que seja.” (PLATÃO; NUNES, 2011, p. 73)

O corpo, ainda segundo a lógica platônica é uma condição a ser superada, tudo aquilo que é próprio de sua natureza é considerado inferior. Nessa concepção o corpo seria como uma prisão para a alma, prisão da qual só se liberta com a morte. A importância do corpo é anulada ao ponto de a morte ser vista como um presente divino. A morte enfim seria a salvação, o ponto final das aflições de se ter um corpo.

“(…) Ao que parece, enquanto vivermos, a única maneira de ficarmos mais perto do pensamento, é abstermo-nos o mais possível da companhia do corpo e de qualquer comunicação com ele, salvo e estritamente necessário, sem nos deixarmos saturar de sua natureza sem permitir que nos macule, até que a divindade nos venha libertar.”(PLATÃO; NUNES, 2011, p. 75)

Tão indigno é o corpo que a ideia de amá-lo rivaliza com a ideia de amar o conhecimento. Não aceitar a morte é próprio daquele que, tão preso ao corpo, ao mundo, não pode ser amante da sabedoria, em outras palavras não pode ser um verdadeiro filósofo.

“-Por consequência, continuou, ao vires um homem revoltar-se no instante de morrer, não será isso prova suficiente de que não trata de um amante da sabedoria, porém amante do corpo? Um indivíduo nessas condições, também será, possivelmente, amante do dinheiro ou da fama, se não o for de ambos ao mesmo tempo.” (PLATÃO; NUNES, 2011, p. 79)

Essa dualidade coloca alma e corpo como protagonista e antagonista, respectivamente nessa narrativa platônica. A humanidade está assentada em um espaço de disputa entre dois mundos, um dos sentidos, o mundo sensível e o outro da razão, do conhecimento verdadeiro, o mundo inteligível.

Sobre a questão corpo versus alma do início da filosofia, Le Breton diz:

“ Uma tradição de suspeita do corpo percorre o mundo ocidental desde os pré-socráticos, à imagem de Empédocles ou de Pitágoras. Platão, por sua vez, considera o corpo humano como túmulo da alma, imperfeição radical de uma humanidade cujas raízes não estão mais no Céu, mas na Terra. A alma caiu dentro de um corpo que a aprisiona. Certamente os gregos não se dissociam do prazer, o gozo do mundo não é proibido apesar dos estorvos da carne. As diversas doutrinas gnósticas radicalizam a aversão ao corpo. .”(LE BRETON, 2008, P.13)

Sobre as associações que tal doutrina apregoam nas noções de corpo e de alma Le Breton completa que “A gnose manifesta um dualismo rigoroso: de um lado, estende-se a esfera negativa – o corpo, o tempo, a morte, a ignorância, o Mal, do outro, a plenitude, o conhecimento, a alma, o Bem etc.” Essa dicotomia faz então com que ao corpo seja atribuída toda a má qualidade, pois se este é o oposto da alma, logo ele é o que representa aquilo que deve ser evitado ou até mesmo eliminado.

Os gnósticos levam ao seu termo o ódio ao corpo, tornam o corpo uma indignidade sem remédio. A alma caiu no corpo (ensomatose) onde se perde. A carne do homem é a parte maldita sujeita ao envelhecimento, à morte, à doença. É o “cadáver em decomposição”, a “carne”. O mal é biológico. Diz Cioran (1969, p.54) que a carne é “perecível até a indecência, até a loucura, não apenas é sede de doenças, é a própria doença, um nada incurável, ficção degenerada em calamidade(...) e tanto me monopoliza e me domina que meu espírito já não passa de vísceras”. O corpo é nojo”. .”(LE BRETON, 2008, P.14))

Essa doutrina se apresenta ainda na filosofia moderna. A célebre frase de Descartes “Penso, logo existo” condiciona a existência humana ao pensamento, ou seja, à mente. Ainda na modernidade, o corpo ainda está

hierarquicamente abaixo. Prisão da alma ou veículo que carrega a mente pelo mundo, o corpo segue sendo subestimado e subjugado.

Se a filosofia platônica desconsiderou, ao menos em algum sentido, a relevância do corpo para a existência humana, a religião cristã não fará diferente. No corpo reside a fraqueza humana, o desejo da carne, a possibilidade do desvio, para os olhos da religião tudo que deve ser reprimido, expurgado. O poder que a igreja exerceu (e ainda exerce) sobre a sociedade aplicará também sobre o corpo sua intenção de dominação. Segundo Regina Navarro Lins “O cristianismo condenará o corpo e tudo o que se tornou matéria perecível em consequência do pecado original.”

Condenado pela Igreja durante a Idade Média, o corpo, morada do pecado e da fraqueza, é alvo de constante repressão. O desprezo ao corpo é tão extremo que até mesmo a sua higiene é vista com maus olhos.

A Igreja atacou o hábito do banho, considerando que qualquer coisa que tornasse o corpo mais atraente era incentivo ao pecado. Santa Paula acreditava que a pureza do corpo e das vestes significava a impureza da alma. Os piolhos eram chamados de pérolas de Deus, e estar sempre coberto por eles era marca indispensável de santidade.”(LINS, 2007, n.p.)

CORPOREIDADE

Sob o olhar das ciências humanas, o corpo passa a ser pensado fora do âmbito aos que costumava estar ligado, a medicina, os esportes e até mesmo as artes. Filosofia, Antropologia e Sociologia vão investigar aquilo que se entende por corporeidade, ou seja, o corpo incluído no meio social. Em “A Sociologia do Corpo” o antropólogo e sociólogo francês David Le Breton define: “A sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários.” (2007, p 7)

Para Breton “O corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é constituída.” (2007, p 7). Inserido no meio social, é através do corpo que se constroem as relações e as ligações que criamos com o outro e com o mundo. “Emissor ou receptor, o corpo produz sentido

continuamente e assim insere o homem de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural.” (LE BRETON, 2007, p 8)

Dentro deste espaço coletivo, onde a sociedade e a cultura influenciam os comportamentos, os sujeitos se organizam e se moldam a fim de criar meios de poder se inserir em determinado meio social. “O homem não é produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão do campo simbólico. A corporeidade é socialmente construída.” (LE BRETON, 2007, p 18 - 19).

Segundo Le Breton essa corporeidade vai se manifestar de forma diferente de acordo com cada cultura onde esse “corpo social” está inserido. Sendo assim há uma maleabilidade que permite que cada corpo se altere a fim de pertencer ou se destacar de determinado grupo.

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados, contraditórios até mesmo para nossa lógica aristotélica do terceiro excluído, segundo a qual se a coisa é comprovada, seu contrário é impossível. (LE BRETON, 2007. p 28 - 29)

Na sociedade, indivíduo e coletividade frequentemente se misturam, quase sempre somos parte de um todo. É como se ao pertencer a um determinado lugar, ao ser incluídos em uma determinada cultura, os indivíduos ligados uns aos outros por suas características socioculturais formassem um “ser coletivo”. como diz Breton: “O homem e o corpo são indissociáveis e, nas representações coletivas, os componentes da carne são misturados ao cosmo, a natureza, aos outros. (LE BRETON, 2007, p. 30)”

A corporeidade não é uma condição inerte ou irreversível, o corpo é vivo e aberto para as possibilidades que o mundo apresenta. A versatilidade do corpo junto a capacidade de adequação da humanidade se apresentam nessa teia social que forma a sociedade das mais diferentes maneiras. Construir, desconstruir e reconstruir fazem parte da vida social onde essa corporeidade se insere.

Se a corporeidade é matéria de símbolo, ela não é uma fatalidade que o homem deve assumir e cujas manifestações ocorrem sem que ele nada possa fazer. Ao contrário, o corpo é objeto de uma construção social e cultural. (LE BRETON, 2007, p 65)

CORPO VIVIDO

Expandindo a ideia de um corpo que vai além do fazer, da ação de ser no mundo, o filósofo francês Maurice Merleau Ponty apresenta a visão de um corpo vivido, um corpo que experiencia o mundo e assim existe nele “É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo "coisas" (1999, P.253). Para Ponty, essa é a única maneira pela qual podemos ser, existir “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele”. (PONTY, 1999, P. 269)

Se distanciando do dualismo que coloca corpo e sujeito como opostos, Ponty prossegue:

“Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade. (PONTY, 1999, P.269).

Ou seja, o sujeito é e tem um corpo, existimos na mente e no corpo ao mesmo tempo, corpo e mente são complementos e não opostos um do outro, dizer que temos um corpo é sinônimo de dizer que somos um corpo. A matéria e a consciência trabalham juntas para a função de viver, de sentir, de experienciar o mundo.

Em suma, meu corpo não é apenas um objeto entre todos os outros objetos, um complexo de qualidades entre outros, ele é um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores, e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ele as acolhe. (PONTY, 1999, P. 317)

Corpo e Consciência de forma interligada formam um rico e complexo mecanismo de codificação e de decodificação de sentidos, sentimentos, emoções e reflexões. O papel fundamental que o corpo desempenha nesse processo não poderia ser negado ou reduzido. Não há mais espaço para qualquer hierarquização ultrapassada que situe corpo abaixo de mente. O corpo não é posse da mente, muito menos prisão, esse "corpo-prisão", réu de um pensamento limitador já foi absolvido. não nos referimos mais a um corpo *tido* mas a um corpo vivido. O corpo sente e é sentido, vive e é vivido como conclui Ponty: "Quem toca e apalpa não é a consciência, é a mão, e a mão é, como diz Kant, um "cérebro exterior do homem (1999, P. 424)

CAPÍTULO 2

CORPO ARTEFATO: BREVE HISTÓRICO DO NU NAS ARTES VISUAIS

O CORPO NA ARTE

Corpo e Arte tem uma conexão ancestral, as representações do corpo humano tem raízes profundas na história da humanidade. A forma do corpo foi, é, e continuará sendo fonte de interesse e inspiração para o olhar artístico. A imagem do corpo humano nu, antes de qualquer intromissão de juízo moral, já estava presente nos primórdios do que hoje chamamos de arte.

Da arte pré-histórica até as diversas manifestações das artes visuais atuais um longo caminho foi percorrido, e nessa trajetória o nu sempre foi elemento significativo como pode ser observado no breve histórico a seguir, considerando quatro manifestações artísticas, arte rupestre, escultura, pintura e por fim, a fotografia.

ARTE RUPESTRE

Antes mesmo do conceito de Arte existir, o homem já criava meios de marcar sua presença no mundo. Através de desenhos, gravuras, esculturas e provavelmente de outras formas das quais não sobrou registro. Apesar da impossibilidade de se poder afirmar o propósito artístico ou estético das “obras”, por convenção pode-se referir á esses registros como arte rupestre, afinal eles são, de qualquer maneira, uma forma de expressão. Essas imagens criadas por homens pré históricos comunicam e revelam aspectos socioculturais, e portanto são dados históricos valiosos sobre a presença do homem no mundo há milhares de anos.

De representações da fauna e flora que constituíam o mundo do homem pré histórico à imagens que fazem alusão aos rituais sociais e relações entre indivíduos, a arte rupestre também era uma forma do homem se auto representar, sendo assim, figuras antropomórficas também compõe grande

parte desses registros. Tais desenhos apresentam inclusive detalhes que servem para diferenciar o homem e a mulher. É possível identificar corpos masculinos e femininos através dos órgãos que diferenciam os dois sexos.

Estatuetas pré históricas representando corpos femininos nus já foram encontrados em diferentes partes do mundo, sendo a mais conhecida a Vênus de Willendorf, encontrada em 1908 na Áustria. Com datação estimada em cerca de 30 mil anos atrás, a figura de 11 cm apresenta um corpo de mulher volumosa, com seios fartos, barriga e quadris grandes além de sua parte genital bem definida, acredita-se que ela seja símbolo de fertilidade e pode estar ligada a algum tipo de religiosidade, segundo Regina Navarro Lins “A Deusa-Mãe reinou absoluta por todo o mundo desde o fim do período Paleolítico até o início da Idade do Bronze”. A forma dessa Deusa-Mãe parece estar evidenciada no molde dessas figuras pré-históricas.

Suas características físicas assemelham-se à Vênus do período Paleolítico: ancas largas, seios volumosos e ventre saliente. Como símbolo de fertilidade, era associada, sobretudo, à serpente, significando regeneração e metamorfose. Era comum tomar a forma dos animais com que se acasalava e, assim, engendrava cada espécie. Poderosa, produzia todos os seres. Na sua forma humana, três aspectos estavam sempre presentes: nudez, obesidade e acentuada feminilidade. (LINS, 2007)

Outras estatuetas com características semelhantes à ela já foram encontradas e também são batizadas de Vênus, a deusa do amor da mitologia romana. Entre elas estão, a Vênus de Renancourt, encontrada na França em 2019 e a Vênus de Hohle Fels, encontrada na Alemanha em 2008, essa sendo a mais antiga, com datação estimada em 35 mil anos.

Figura 1 - Vênus de Willendorf



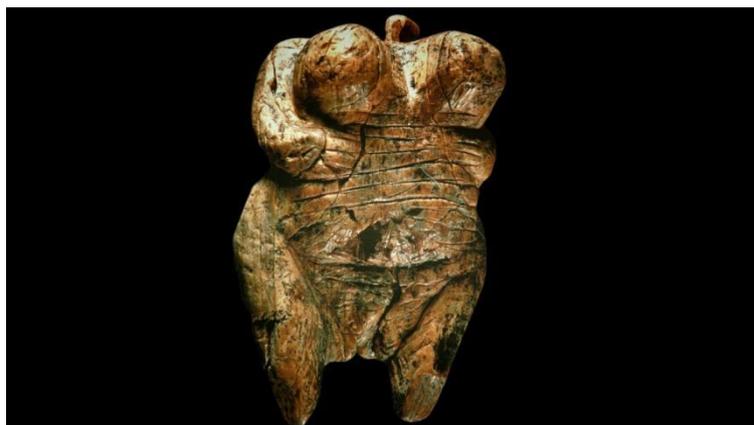
Fonte: Folha de São Paulo (2019)

Figura 2 - Vênus de Ranancour



Fonte: Aventura na História (2019)

Figura 3 - Vênus de Hohle Fels

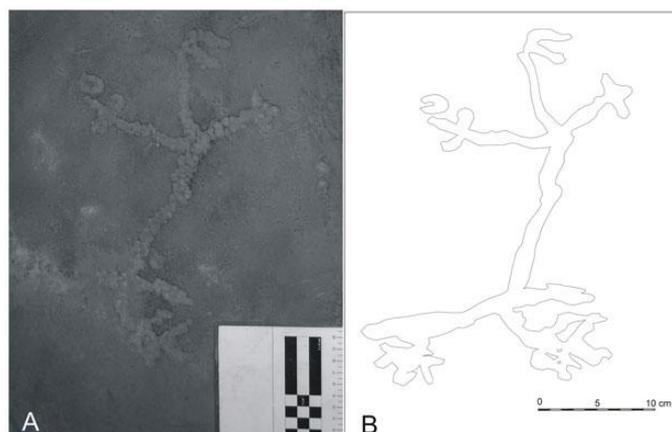


Fonte: Aventura na História (2023)

No Brasil há mais de 26 mil sítios arqueológicos cadastrados segundo o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Em 2009, no

sítio arqueológico Lapa do Santo, no Estado de Minas Gerais, foi encontrada uma gravura antropomorfa de pelo menos 10.000 anos de existência. Segundo os arqueólogos responsáveis pela descoberta trata-se da representação de uma figura de um homem com o pênis avantajado e ereto, detalhe que fez a figura ser apelidada de “taradinho de Lapa do Santo”.

Figura 4 - Taradinho de Lapa do Santo



Fonte: O Globo (2012)

No Parque Nacional da Serra da Capivara no Piauí, uma das mais importantes áreas de pesquisa arqueológica do Brasil, onde se concentram mais de 700 sítios arqueológicos, existe outras representações semelhantes, uma delas, inclusive, retrata duas figuras humanas, que parece se tratar de dois homens numa possível relação sexual.

Figura 5 - Gravura rupestre, Serra da Capivara



Fonte: Revista Nordestina de História do Brasil (2019)

ESCULTURA

Os estudos sobre o corpo humano são usados em favor da Arte na Grécia antiga, especialmente nas estátuas gregas. Diferente do período pré histórico, onde as formas humanas eram ainda rudimentares, por vezes quase abstratas, na era clássica grega a representação humana já se mostrava extremamente realista. As estátuas geralmente homenageavam atletas, heróis e especialmente os Deuses. O corpo dos atletas, “esculpido” pela prática dos esportes inspirava a imagem do corpo ideal, corpo este que costumava ficar exposto durante as competições nos ginásios, palavra que deriva do grego “Gymnoi” que significa “nu”, pois o ginásio se tratava exatamente de um espaço onde o costume era de que os atletas treinassem totalmente nus.

Os corpos eram trabalhados e construídos, como objetos de admiração que começavam a ser “esculpidos” e modelados nos ginásios, fundamentais nas polis gregas, e que acabavam por ser mostrados, muitas vezes, nos jogos olímpicos. A saúde, a expressão e exibição de um corpo nu estavam associadas, os Gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado. O grego desconhecia o pudor físico, o corpo era uma prova da criatividade dos deuses, era para ser exibido, adestrado, treinado, perfumado e referenciado, pronto a arrancar olhares de admiração e inveja dos demais mortais” (BARBOSA; MATOS; COSTA; 2011, p. 25 apud RIVERO; SANTOS, 2018)

Foi nesse período na Grécia onde surgiu um ideal de beleza dos corpos, que ainda hoje ecoa como um padrão a ser atingido, o corpo escultural do Deus grego. O Nu grego era ao mesmo tempo natural e ideal, ou seja, na mesma medida que a representação buscava reproduzir o corpo mais próximo possível da realidade, ela também idealizava uma perfeição irreal.

Um detalhe importante na representação masculina na estatuaria grega diz respeito ao tamanho do pênis nas esculturas. Enquanto os corpos eram retratados grandes, com músculos bem definidos, o pênis aparecia desproporcionalmente pequeno. Porém essa característica não se trata de algum tipo de sujeição a moralidade da época, levando em consideração a

forma natural como a nudez era vista entre os gregos. Se hoje em dia ter um pênis avantajado pode geralmente ser um símbolo de masculinidade, para o grego daquele período isso seria uma representação do homem bárbaro, longe do ideal de beleza e civilidade que pretendiam representar nas estátuas.

Um texto do dramaturgo Grego Aristófanes explicita as características ideias de um homem grego:

“Se você faz essas coisas, digo lhe, e duplique seus esforços para eles, você sempre terá um peito brilhante, uma pele reluzente, ombros grandes, uma língua minúscula, um traseiro grande e uma pequena pica. Mas se você seguir as práticas de hoje, para começar você terá uma pele pálida, ombros pequenos, um peito magro, uma língua grande, um pequeno traseiro, uma grande pica e um decreto de longo curso.” (ARISTÓFANES, 423 a.c apud CHAGAS, 2018)

Uma das esculturas mais conhecidas do mundo retrata esse nu masculino ideal. Feita não por um grego mas sim pelo artista italiano Michelangelo, o Davi é uma consagração desse corpo nu idealizado, a estátua de 5 metros de altura esculpida em mármore impressiona pelos seus detalhes e encontra-se exposta na Galleria dell'Accademia, em Florença, Itália

Figura 6 - Davi de Michelangelo



Fonte: Aventuras na História (2023)

Percebe-se então então, que o Nu além de projetar um ideal de beleza as figuras retratadas, também demarca a civilidade do homem grego e produz para ele um modelo de orientação.

O Nu feminino também figura entre as mais importantes reproduções de nudez na arte. Uma estátua grega que se tornou ícone de representação do nu feminino na arte é a Vênus de Milo. Encontrada em 1820 na Itália, de autoria desconhecida, estima-se que ela tenha sido feita no século II a.c. A estátua, exposta no Museu do Louvre, na França, apresenta uma figura feminina sem os braços, danificados em algum momento da história, de nudez parcial.

Figura 7 - Vênus de Milo



Fonte: Museu do Louvre (2023)

PINTURA

Na pintura a nudez cria definitivamente seu espaço e se torna algo além de um mero assunto de interesse do pintor, o nu aparece como categoria própria da arte. As representações do corpo nu vão aparecer em diferentes movimentos artísticos da pintura ao longo da história. A imagem do nu e as emoções que ela desperta parece concretizar a importância da nudez para a arte, esse interesse pelo nu passa a ser essencial como afirma Jean Galard, ex diretor do Departamento Cultural do Museu do Louvre:

A visão da nudez, mesmo em imagem, por estar sempre pronta a despertar emoção erótica, parece dificilmente compatível com a suposta pureza da contemplação estética. Mas, sem dúvida, sem o poder de Eros, não haveria nem escultura, nem pintura. O interesse tão especial dispensado na arte à nudez do corpo humano é complexo, logo, impuro: para aqui convergem todos os

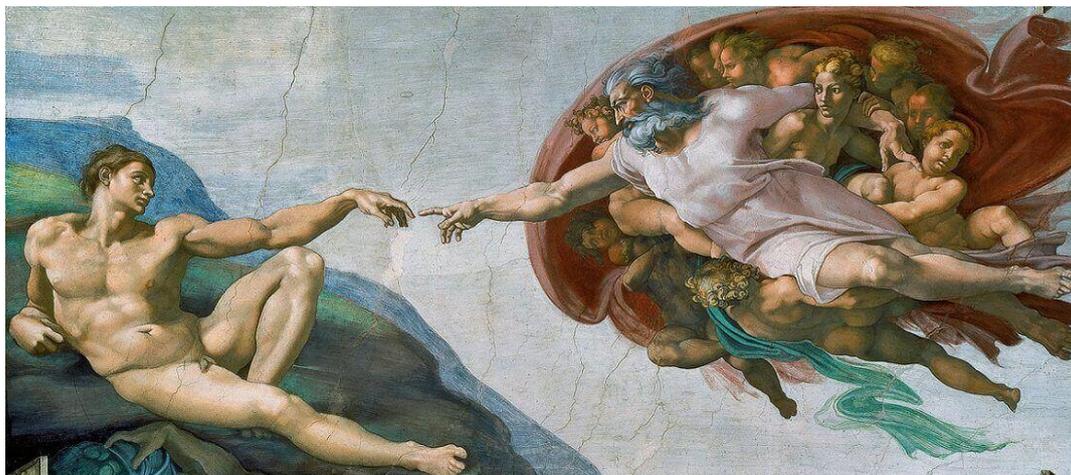
instintos elementares, todas as pulsões obscuras, assim como todos os subterfúgios e todo o sucesso da sublimação. É por isso que o Nu é O tema artístico por excelência: motivo de fervor, oportunidade de entusiasmo e, às vezes, em certos casos cruamente realistas, sujeito à compaixão, objeto de repulsa fascinada, símbolo de obscenidade (GALARD, 2011, P.11)

O encantamento com a beleza divina, já percebido nas esculturas gregas que projetavam deuses orientados pelos corpos dos atletas, continua a ser observado na pintura europeia. Parece que esse fascínio pelo divino continua a ser inspiração para as telas dos pintores. Mesmo que seu ponto de partida seja a figura humana, esse nu ambiciona essa qualidade divinal, partindo do comum para o etéreo.

Nada, contudo, é tão comovente, nada é, ao mesmo tempo, tão distante da ordinária condição humana, nem tão plenamente ideal quanto os charmes altaneiros de Vênus. Beleza tocante, porém intocável, essa deusa contribuiu melhor do que ninguém para facilitar a propagação do Nu na pintura (GALARD, 2011, p.16)

Diversos pintores ao longo dos séculos de história da pintura usaram o nu em suas obras. Artistas cujos trabalhos são considerados de importância fundamental para a Arte no mundo retrataram a nudez em seus quadros, em diferentes movimentos artísticos ocorridos na pintura desde seu princípio. O afresco pintado por Michelangelo na Capela Sistina, no Vaticano entre 1508 e 1512, inclui entre uma série de imagens religiosas um representação do momento em que o Deus cristão cria o homem, a obra intitulada “A Criação de Adão” é um das mais conhecidas do pintor. O encantamento pela Vênus e sua beleza é apresentado na obra “Vênus de Urbino” do pintor italiano Ticiano. Em Outra obra que faz uso do nu em sua concepção é “Dante e Virgílio” do francês Willian Bouguereau, que retrata os personagens títulos da obra assistindo a luta de duas almas condenadas no inferno, dois homens nus.

Figura 8 - A Criação de Adão



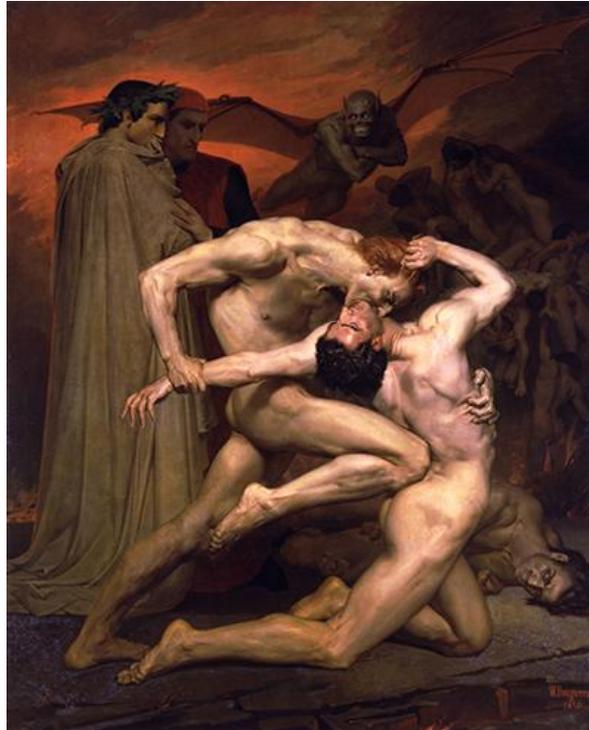
Fonte: michelangelo.org (2023)

Figura 9 - Vênus de Urbino, Ticiano



Fonte: Uffizi gallery (2023)

Figura 10 - Dante e Virgílio, William Bouguereau



Fonte: Willianbouguereau.org (2023)

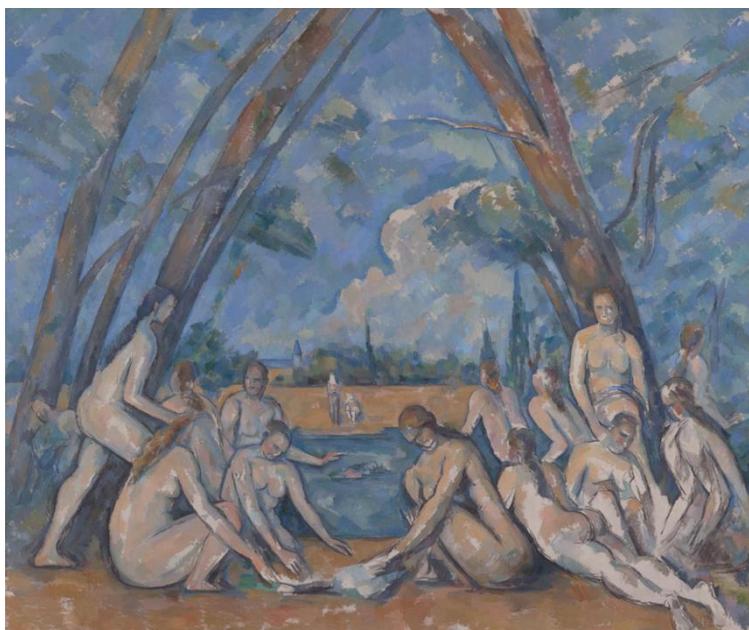
A obra “A Origem do Mundo”, do francês Gustave Courbet é umas da mais famosas e ousadas representações do sexo feminino na história da arte. Colocando o órgão sexual feminino no centro do quadro, Courbet apresenta a mulher como aquela que gera, dentro de si, a humanidade que compõe o mundo. Com traços menos realistas que Courbet, o nu pintado por Paul Cézanne em “As Banhistas” apresenta um cena onde um grupo de mulheres se banha ao ar livre. A partir de um estilo ainda mais distante da representação realista, o Cubismo do pintor espanhol Pablo Picasso apresenta um nu bastante distorcido no quadro “Les Demoiselles d'Avignon” (As Senhoritas de Avignon). Uma das pinturas brasileiras mais conhecidas do mundo também retrata um nu, “Abaporu”, termo construído a partir da língua indígena tupi-guarani que exprime a ideia de “homem que come gente” da prestigiada pintora brasileira Tarsila do Amaral. Na tela Tarsila apresenta um figura humana de proporções incomuns, sentada sem qualquer vestimenta.

Figura 11 - A Origem do mundo, Gustave Courbet



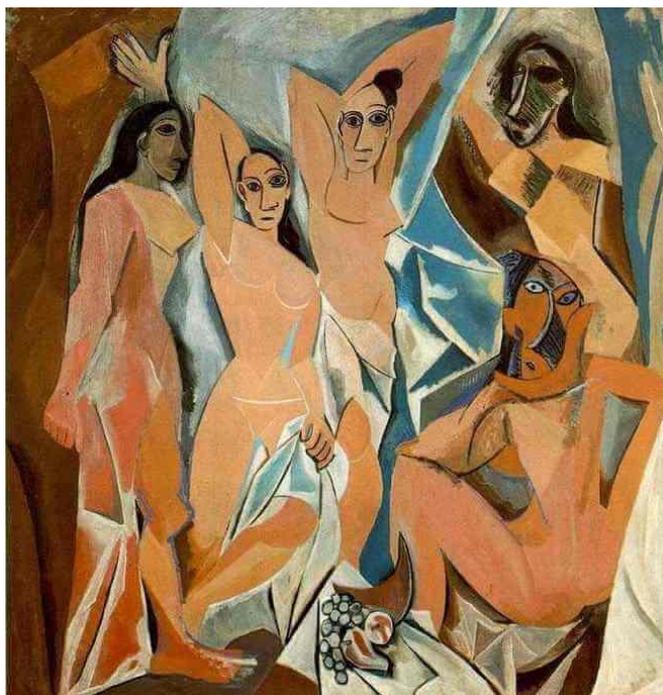
Fonte: Museu D'orsay (2023)

Figura 12 - As Banhistas, Paul Cézanne



Fonte: Museu da Filadélfia (2023)

Figura 13 - Les Femmes d'Alger (O), Pablo Picasso



Fonte: pablocicasso.org (2023)

Figura 14 - Abaporu, Tarsila do Amaral



Fonte: Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (2023)

Um tipo muito peculiar de pintura presente na cultura japonesa, une arte e erotismo de forma singular. Shunga, ou imagens de primavera na tradução, é uma arte erótica tradicional na história da pintura japonesa. O Shunga se tornou popular no período Edo , porém ilustrações de teor erótico já apareciam em pergaminhos muito tempo antes. O surgimento da técnica de xilogravura facilitou a produção e a distribuição dos trabalhos dessa natureza. O estilo ukiyo-e “imagens do mundo flutuante” presentes nas pinturas Shunga reforça o seu aspecto artístico. Importantes artistas ukiyo-e se dedicavam ao Shunga, uma das obras mais famosas dessa arte “ O Sonho da Mulher do Pescador” foi criada por Katsushika Hokusai, muito conhecido por uma gravura que se tornou ícone da cultura japonesa “A Grande Onda de Kanagawa”. Como nudez e sexo na cultura japonesa nem sempre tiveram relação direta, uma das características marcantes do Shunga é apresentar os personagens apenas parcialmente despidos durante a interação sexual, por outro lado a genitália exibida na cena é geralmente exagerada.

Figura 15 - O Sonho da Mulher do Pescador



FONTE: All thats interesting (2023)

Figura 16 - Shunga, mulher tendo um sonho erótico



FONTE: All thats interesting (2023)

Figura 17 - Shunga de de Kikukawa Eizan



FONTE: All thats interesting (2023)

Na multicultural Arte africana, o corpo também aparece como tema na pintura. O pintor moçambicano Malangatana Ngwenya retratou em grande parte de seus quadros com cores vivas e traços fortes, representações humanas em diversas composições, como na sua pintura “ A fonte de Sangue” ou em “Nu com Flores” entre outras onde Ngwenya emprega seu estilo vigoroso.

Figura 18 - Fonte de Sangue - Malangatana Ngwenya



Fonte: Art Institute Chicago (2020)

Figura 19 - Nu com Flores, Malangatana Ngwenya



Fonte: Art Institute Chicago (2020)

Essas obras representam um amostra ínfima da infinidade de nus contidos em todos o curso histórico da pintura no mundo, em épocas e lugares diversos. Todavia é possível através delas notar como o nu se desenvolveu na pintura de variadas formas e estilos, e permanece relevante como tema e objeto de estudo até a atualidade.

FOTOGRAFIA

O desejo humano de capturar o mundo real através da imagem é antigo, como fica evidente desde as pinturas rupestres até os quadros com técnicas requintadas de pintura, mas é possivelmente por meio da fotografia que esse desejo se realiza da forma mais plena. O caminho da ideia até a realização da primeira foto impressa foi longo. Apesar dos elementos fundamentais da fotografia já serem objeto de estudo desde o século IX a.c com a descoberta do princípio da camera escura por Aristóteles, foi somente por volta de 1826 - 1827 que a primeira fotografia pode ser impressa sobre uma superfície de forma permanente. Intitulada “View from the Window at Le Gras” (vista da janela em Le Gras) é a foto mais antiga preservada até os dias de hoje que retrata, como o título sugere, a vista de uma janela da comuna de Le Gras na França, produzida pelo inventor francês Joseph Nicéphore Niépce, a partir de um processo chamado heliografia (escrita com o sol).

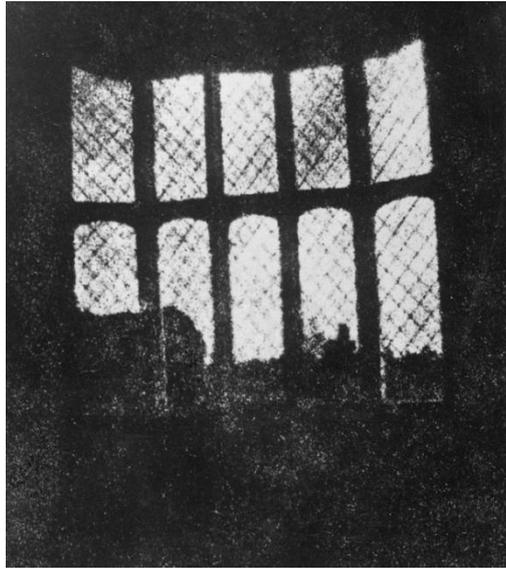
Figura 20 - Vista da janela em Le Gras, Joseph Nicéphore Niépce



Fonte: Aventuras na História (2020)

Outro pioneiro na fotografia foi William Henry Fox Talbot, é de autoria dele o negativo mais antigo ainda preservado, a imagem que mostra a janela da biblioteca de sua propriedade foi tirada em 1835.

Figura 21 - Negativo mias antigo, Henry fox Talbot



Fonte: BBC

Em 1837 outro precursor dos estudos fotográficos constrói um instrumento que leva seu nome e o torna o mais reconhecido entre os pioneiros na arte de fotografar. Louis Jacque Mandé Daguerre inventor do Daguerreótipo é por vezes creditado inclusive como inventor da fotografia. De certo que há contribuições diversas para a construção do que reconhecemos hoje como fotografia e esses nomes são alguns dos que possibilitaram o surgimento do processo fotográfico.

Figura 22 - Boulevard du temple paris, Louis Daguerre



Fonte: Instituto Moreira Sales (2020)

Com a fotografia se estabelecendo como meio de produção de imagens não tardou para que a imagem da figura humana se tornasse objeto de interesse assim como era para a pintura e logo o corpo nu seria representado nesse novo meio de representação do real. Entre alguns dos fotógrafos reconhecidos por abordarem o tema da nudez ao longo de seus trabalhos estão:

Jean Louis Marie Eugène Durieu (1800 - 1874)

Eugène Durieu foi um fotógrafo francês durante o início da fotografia. Seu trabalho é mais conhecido na história da arte como colaborador do pintor Eugène Delacroix, que encomendou uma série de suas fotografias que serviriam como imagem de referências para suas pinturas. Após uma carreira na administração pública Durieu se dedicou ao estudo e a produção de imagens nesse novo meio de registro imagético que surgira, que a essa altura ainda estava muito atrelado a pintura, servindo como suporte para a mesma. Seus ensaios de nu são de uma importância ímpar para a arte pois estão entre os primeiros registros da nudez humana na fotografia.

Figura 23 - Mulher Nua Sentada, Eugène Durieu



Fonte: Met Museum

Figura 24 - Casal Nu, Eugène Durieu



Fonte: Open Journals

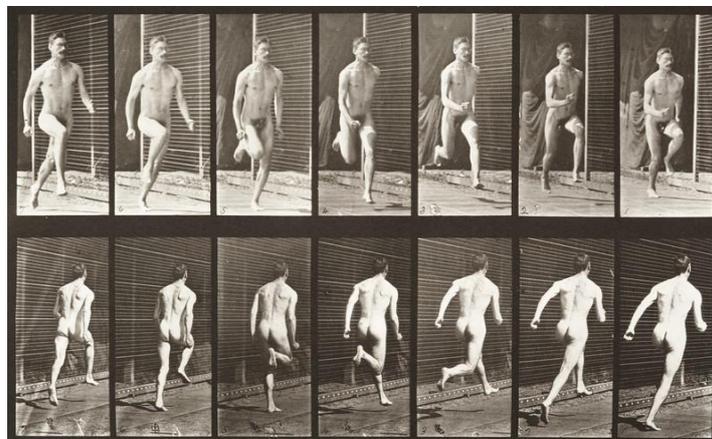
Eadweard Muybridge (1830 - 1904)

Entre os pioneiros da fotografia da figura humana nua, o nome de Eadweard Muybridge é, sem dúvida, um dos principais destaques. Muybridge era inglês mas foi nos Estados Unidos onde desenvolveu a maior parte de seu trabalho fotográfico. Após o início de sua carreira fotografando paisagens, foi no interesse pelo movimento de animais e pessoas que preencheram a parte mais importante de seu legado e que o fazem reconhecido até hoje.

Muybridge aperfeiçoou os instrumentos fotográficos da época desenvolveu técnicas que lhe permitiram capturar o movimento. Foi assim, por exemplo, que conseguiu mostrar que durante uma corrida um cavalo tira, por por uma fração de segundo, as quatro patas do chão simultaneamente. Seu estudo do movimento do corpo humano são uma importante parte do seu trabalho. Muybridge pretendia demonstrar como se comportava o corpo de homens, mulheres e até mesmo crianças, durante atividades comuns, como andar, correr, sentar, levantar, pegar um objeto e assim por diante. Isso exigia que os modelos estivessem totalmente despidos, pois somente assim toda a ação dos músculos do corpo poderia ser vista durante o movimento.

Seu fascínio pelo movimento o levou a criar o zoopraxiscópio, dispositivo que pode ser considerado um precursor do projetor de filmes. Nele, as fotografias produzidas por Muybridge colocadas em sequência girando a uma certa velocidade, causava uma ilusão de movimento.

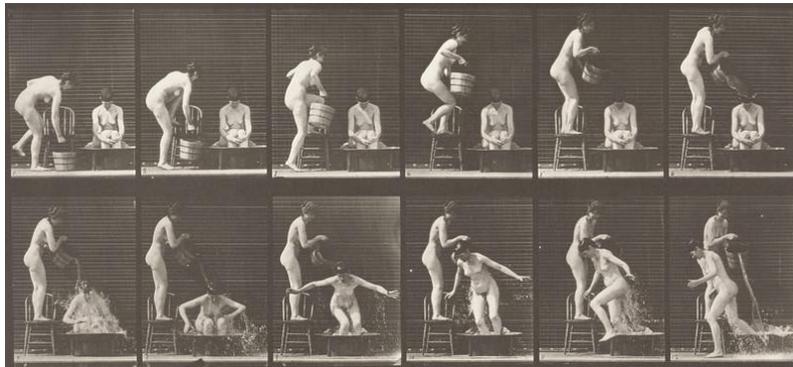
Figura 25 - Homem Nu Correndo



Fonte: University of Northeast California Libraries

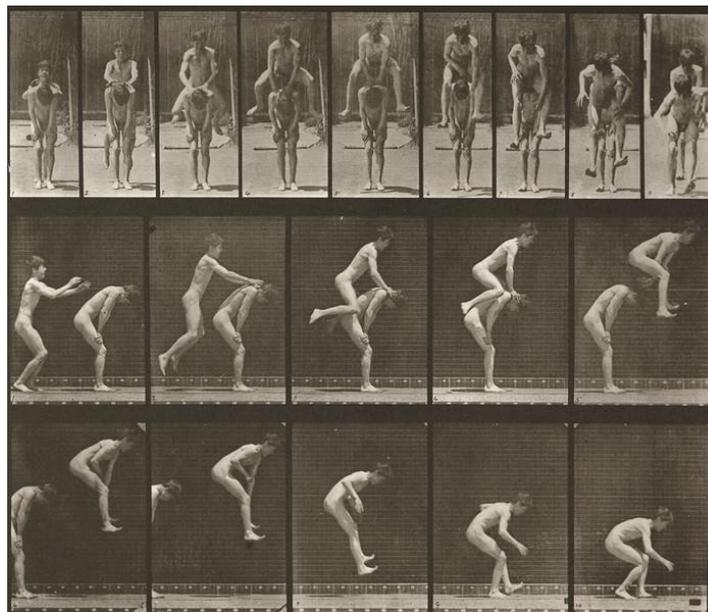
Os estudos e o trabalho desenvolvido por Muybridge foram de fundamental importância para a história da fotografia e posteriormente do cinema. Seu legado influenciou a forma como o corpo e o movimento seriam retratados a partir de então. Embora em seu trabalho sua intenção pudesse não ser expressar através da nudez algum sentimento ou alguma discussão que pudesse ter ligação com a falta de roupa nas figuras que fotografava, suas imagens de nu, mesmo estando em função do estudo do movimento, expõe a relevância do corpo para sua arte.

Figura 26 - Mulher nua derramando água sobre outra mulher nua, Muybridge



Fonte: University of Northeast California Libraries

Figura 27 - Garoto nu pulando sobre as costas de outro garoto, Muybridge



Fonte: University of Northeast California Libraries

Thomas Cowperthwait Eakins (1844 - 1916)

Pintor realista, professor de artes, além de fotógrafo, Thomas Cowperthwait Eakins, ou apenas Thomas Eakins nasceu nos Estados Unidos e desde cedo demonstrava interesse pelos estudos do corpo humano, o que o levou inclusive a considerar a carreira de cirurgião mas, foi através da arte que realizou sua fascinação pelo corpo. Por meio da pintura e da fotografia Eakins produziu uma série de nus ao longo da vida, em especial no masculino. Em um carta ao pai em 1968 diz: “Ela [o nu feminino] é a coisa mais linda que existe no mundo, exceto um homem nu, mas nunca vi um estudo de um exposto... Seria seja uma dádiva de Deus ver um belo modelo de homem pintado no estúdio com as paredes nuas [...]”

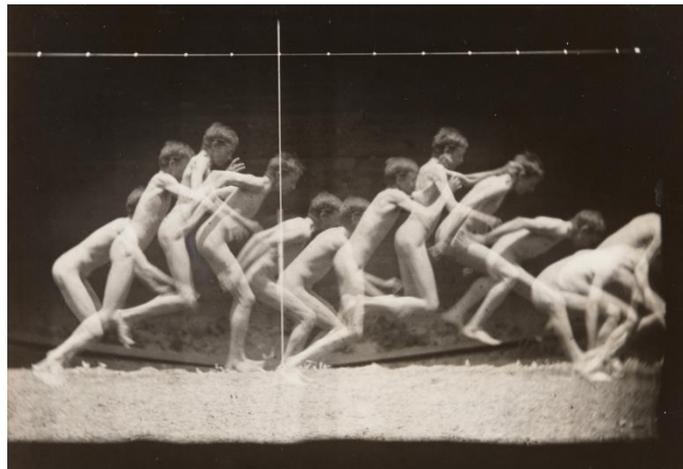
Figura 28 - Homem nu sentado, Eakins



Fonte: Museu de Arte da Filadélfia

Incentivado pelos estudos de movimento de Muybridge, também realizou seus próprios estudos e desenvolveu sua própria técnica de captura o movimento de corpos, geralmente nus.

Figura 29 - Estudo de movimento - Garoto pulando para direita, Eakins

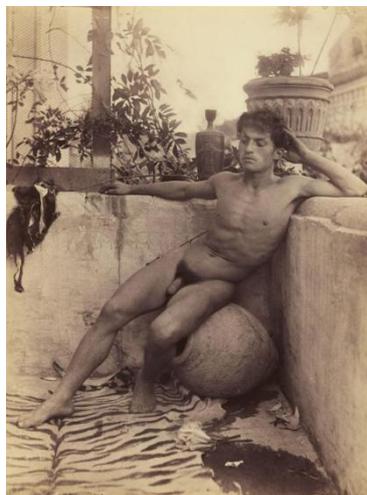


Fonte: Museu de Arte da Filadélfia

Wilhelm Von Gloeden (1856 - 1931)

Alemão de nascimento, Wilhelm Von Gloeden mudou-se para a Itália já adulto e foi lá, inspirado pelas paisagens italianas e pela beleza dos jovens italianos que se iniciou na fotografia. Pouco tempo depois de ter descoberto a arte de fotografar, Gloeden já havia se tornado conhecido pelos retratos de jovens inspirados pelas ideias da Antiguidade Clássica. Diferente de outros trabalhos fotográficos do início da fotografia que serviram como guia para a pintura ou como registro histórico, os nus de Gloeden foram considerados essencialmente como trabalho artístico, devido a sua técnica e seu conceito.

Figura 30 - Fauno, Gloeden



Fonte: Falo Magazine 13ª edição (2020)

A qualidade de seu material o levaram à publicações importantes como a revista National Geographic e à exposições internacionais, inclusive fora da Europa.

Figura 31 - Lutadores, Gloeden



Fonte: Falo Magazine 13ª edição (2020)

Robert Mapplethorpe (1946 - 1989)

Nascido em Nova York, o artista estadunidense Robert Mapplethorpe (1946 - 1989) iniciou-se no mundo das artes estudando desenho, pintura e escultura, a fotografia entrou no seu trabalho como auxiliar, incorporadas nas colagens que realizava, mas foi fotografando a partir da década de 1970 que ele se destacou como um importante fotógrafo. Entre retratos, flores, natureza morta e capas de álbum musicais, Mapplethorpe construiu um carreira de sucesso, mas foi com o seu trabalho dedicado ao nu e ao erótico, incluindo auto-retratos, que o fotógrafo destacou definitivamente seu nome na fotografia.

Mapplethorpe criou ao longo de sua carreira uma série de imagens que expunham as formas do corpo de homens e mulheres, em especial de homens, que estabeleciam um conexão entre o ideal de beleza grego com os elementos eróticos da cena fetichista BDSM (bondage, dominação, sadismo e masoquismo) nova iorquina. Provocativo e ousado, não tinha receio de criar imagens que transitavam entre o belo e o obscuro.

Figura 32 - Ken, Lydia e Tyler, Mapplethorpe



Fonte: Mapplethorpe.org

Em 1990, uma exposição póstuma do trabalho de Mapplethorpe protagonizou uma verdadeira batalha judicial na cidade de Cincinnati, estado de Ohio, EUA. Intitulada Robert Mapplethorpe: The Perfect Moment, a exposição foi levada aos tribunais estadunidenses, por políticos conservadores e uma organização local chamada “Cidadãos pelos Valores Comunitários”, sob a alegação de promover a obscenidade mediante o uso de imagens contendo atos homoeróticos. Cinco imagens, das 125 da exposição, sustentaram a base da acusação que recaiam sobre o Contemporary Art Center (CAC), museu onde aconteceu a exposição, e sobre seu diretor Dennis Barrie. Durante o julgamento a acusação argumentou que o trabalho de Mapplethorpe não se tratava de arte, enquanto a defesa tentava convencer o júri sobre os propósitos artísticos da exposição. O júri, no entanto, tinha o papel de decidir a validade da arte de Mapplethorpe considerando apenas as cinco imagens selecionadas da exposição. A defesa tentou argumentar que as obras deveriam ser avaliadas dentro do contexto da exposição, que não continha apenas imagens de cunho erótico, mas o argumento foi rejeitado pelo juiz. Mesmo assim, ao fim do julgamento, o júri determinou a absolvição de todas as acusações.

Figura 33 - Homem de terno de poliéster, Mapplethorpe



Fonte: ArtNet (2015)

Figura 34 - Autorretrato com chicote, Mapplethorpe



Fonte: ArtNet

Alair Gomes (1921 - 1992)

A vista de uma janela, no bairro de Ipanema, RJ desperta o olhar de um fotógrafo pela paisagem, porém a paisagem em questão não é a bela praia, nem o horizonte ou o céu azul, o que atraiu a câmera de Alair Gomes eram

os corpos dos homens que frequentavam a praia e desfilavam pelos arredores do bairro. Apesar da sua formação em Engenharia civil, foi através da fotografia que Gomes desenvolveu o trabalho que o marcaria definitivamente na história da arte brasileira, e foram suas imagens de nu com teor homoerótico que o fizeram ter destaque na fotografia internacional. Após abandonar a engenharia, Gomes dedicou-se a filosofia e a crítica de arte, entre outros assuntos, e só depois dos 40 anos de idade, a partir de 1965, começou a carreira que traria seu maior reconhecimento.

Uma considerável parte seu acervo fotográfico foi construída através da janela de seu apartamento. Ali o fotógrafo desenvolveu um trabalho que se tornaria parte de sua identidade fotográfica, um olhar indiscreto, imagens espontâneas que capturavam as ações de corpos fazendo suas atividades rotineiras na orla carioca. O olhar apreciador das lentes de Gomes destacam o desejo do observador por aqueles corpos expostos até o limite do possível que a exposição pública permite. Esse trabalho acabou por se expandir a partir do momento que transitou do espaço público para o privado. Gomes ampliou seu portfólio homoerótico do desejo ao realizar ensaios em seu estúdio onde pôde explorar a nudez desses homens de forma plena.

Figura 35 - Dois homens de sunga, Gomes



Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Figura 36 - Banhistas na praia da Barra, Gomes



Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Os modelos involuntários deram lugar a rapazes que se dispuseram mostrar sua nudez de forma erótica. Da janela para dentro de seu apartamento Gomes poderia então conduzir o ensaio de maneira que pudesse extrair uma imagem de potência sexual que apenas sua vista da janela não lhe permitiria.

Figura 37 - Sinfonia de Ícones, Gomes



Fonte: Falo Magazine (2018)

A estética e a consciência que fundamentam sua produção fotográfica mostram a dedicação com a qual ele conduziu seu projeto. Sua técnica, a forma como classificou e organizou sua série de imagens, as reflexões que elaborou a respeito de sua arte, o posicionam com um dos principais expoentes da fotografia de nu do mundo. Seu acervo que conta com mais de 16 mil fotografias e mais de 150 mil negativos hoje pertencem a Biblioteca Nacional, sua obra já foi exibida em instituições de arte como a Tate Modern de Londres e a Fondation Cartier pour l'art contemporaine de Paris, além de estar presente em coleções dos museus de arte moderna do Rio (MAM), de São Paulo (MASP) e de Nova York (MoMa).

CAPÍTULO 3

CORPO SOCIAL: ASPECTOS CULTURAIS DO NU

O CORPO E SEUS SIGNOS

Antes de ter conhecimento de como a vida era gerada, a humanidade acreditava que a vida se iniciava na natureza, nas águas, nas pedras, nas árvores, nas grutas e só depois era introduzida no ventre da mulher. Ao começar a domesticar os animais e perceber que a aproximação ou o distanciamento de machos e fêmeas interferia no número de novas gestações, o homem entende o seu papel na procriação.

Não é difícil imaginar o impacto dessa revelação para a humanidade. Após milhares de anos acreditando que a fertilidade e a fecundação eram atributos exclusivamente femininos, os homens constataam, surpresos, que o que fertiliza uma mulher é uma substância nela colocada: o sêmen do macho! A partir daí, há uma ruptura na história da humanidade. Transformam-se as relações entre homem e mulher, assim como a arte e a religião. O homem, enfim, descobriu seu papel imprescindível num terreno em que sua potência havia sido negada. (LINS, 2007, n.p)

Se na pré-história era o corpo feminino o ícone da fertilidade, como sugerem as estatuetas das Vênus, esse cenário é alterado a partir da descoberta da paternidade. O signo masculino se equipara ao feminino e passa a também figurar como símbolo de fertilidade.

... os homens começaram a abrir a terra a fim de prepará-la para o plantio. A associação simbólica do arado com a força de arar a terra e prepará-la para a sementeira constitui um paralelo com o pênis. O órgão masculino rapidamente assume uma posição preponderante. O homem se vê transformado em fertilizador da terra. Afirmando que era seu sêmen que implantava a vida no útero da mulher, o homem passou a considerá-la uma simples caverna protetora. Sua função era propiciar a germinação e o crescimento da vida até estar pronta para vir ao mundo. (LINS, 2007, n.p)

Sendo assim, gradualmente, o pênis, como um símbolo do homem e conseqüentemente do patriarcado foi assumindo o lugar que outrora fora da mulher. Importante destacar que o culto ao falo não é exclusividade do

território europeu, esse fenômeno é verificado em diversos povos, como completa Lins :

O pênis tornou-se o objeto natural de adoração e fé religiosa. Na qualidade de phallos, era reverenciado da mesma forma que o órgão feminino o fora durante milênios. O fenômeno do culto fálico se espalhou por todo o mundo antigo. Não se sabe ao certo onde e quando começou. É muito provável que essa idéia tenha surgido espontaneamente, em diferentes partes. (LINS, 2007, n.p)

Na Grécia, Príapo, o Deus da fertilidade, é retratado com um pênis exagerado e sempre ereto. Na mitologia grega ele é descrito como sedutor, e possuidor de um magnetismo que atraia as mulheres. Segundo Lins (2007) O mito conta que causando ciúmes e inveja nos homens de Lampsaco, Príapo é expulso da ilha. Em razão da orações das mulheres desoladas pela ausência do Deus, os homens da ilha são infectados por doenças em seus genitais, e em consulta à um oráculo descobrem que somente ao convidar Príapo de volta ao convívio deles serão capazes de se curar, atitude que é obedecida por eles.

Figura 38 - Afresco de Príapo em Pompéia



Fonte: Daily Mail (2015)

Também na Grécia, durante os cultos agrários em homenagem à Dionísio, imagens fálicas eram celebradas, segundo Moerbeck (2018, p 248) “Nesse tipo de festividade poderia haver a presença simbólica de sátiros, mênades e falos, o que dava conotações orgiásticas a essas festas.” Ainda de acordo com Moerbeck (2018) a chamada faloforia, culto ao pênis, era o principal elemento da procissão, realizadas com personagens fantasiados, onde também aconteciam bebedeiras com vinho e sacrifícios de animais.

JAPÃO: O KANAMARA MATSURI E O CULTO AO FALO

Muito distante temporal e geograficamente das grandes dionísias gregas, na atualidade na cultura japonesa, encontramos um curioso festival religioso, onde a faloforia é elemento principal, o Kanamara Matsuri. Também conhecido como o Festival da fertilidade ou festival do falo de aço, o Kanamara Matsuri acontece anualmente, sempre no primeiro domingo de Abril na cidade de Kawasaki, província de Kanagawa no Japão, que celebra a fertilidade no início da primavera. Neste evento três esculturas de pênis gigantes são carregadas em andores, numa procissão popular até o templo de Kanayama Jinja.

Durante séculos, Kanayama tem sido um lugar onde casais rezam pela fertilidade e harmonia conjugal; durante a era Edo, dos séculos XVII ao XIX, profissionais do sexo vinham e rezavam para se livrar das ISTs que eles pegavam no decorrer do trabalho. Houve até um festival girando em torno da fertilidade e da saúde sexual durante esses tempos – mas a tradição se perdeu no final de 1800. Na década de 1970, o então sacerdote-chefe Hirohiko Nakamura decidiu ressuscitá-lo. (HOY, 2019)

O Kanamara Matsuri tem ainda ligação com a mitologia japonesa. Segundo Felipe van Deursen em matéria do site UOL (2019), a lenda conta que apaixonado por uma mulher e rejeitado por ela, um demônio de dentes afiados resolve então se esconder em sua vagina, mordendo e castrando os pênis de seu primeiro e segundo maridos. Para acabar com essa maldição, a

mulher busca ajuda de um ferreiro com o objetivo de construir um falo de aço, para então conseguir quebrar os dentes do tal demônio e então se livrar dele.

Figura 39 - Criança no Kanamara Matsuri



Fonte: Huffpost (2014)

O festival adquiriu uma certa popularidade e costuma receber turistas, Deursen (2019) conta que além disso é tido como um evento popular entre a comunidade lgbtq. Porém segue todo o tradicionalismo e respeito aos templos religiosos do Japão. Atualmente o festival também atua na conscientização a respeito de sexo seguro e ainda promove arrecadação de doativos para instituições de cuidados a pessoas que vivem com HIV

Figura 40 - Kanamara Matsuri



Fonte: Daily Mail (2015)

No Kanamara Matsuri é possível observar que a imagem de uma parte do corpo humano que em determinadas culturas é frequentemente associada exclusivamente ao sexo, colocada em outros contextos pode adquirir novos significados. Ao estar ligado à religiosidade, o falo se torna amuleto de fertilidade, símbolo de prosperidade. O olhar sobre a nudez está suscetível à diferentes percepções a partir de contextos e intenções diferentes. Isso se mostra ainda mais evidente se pensarmos que nesse mesmo país a exibição dos genitais é proibida até mesmo em filmes pornográficos. No Japão há uma lei que obriga a censura as partes íntimas mostradas não só em filmes pornográficos mas também em hentais (mangás eróticos) e outros meios onde a nudez esteja em contexto sexual (Patrício, 2015) . O erotismo não é algo intrínseco ao pênis, a vagina, aos seios ou a bunda, mas sim um fato cultural. Em cada cultura se atribuirá uma qualidade a partes do corpo que não é exatamente fundamentada pela natureza mas representa, ao invés disso, um valor cultural, assim como associamos o braço à força ou o coração ao amor.

Figura 41 - O falo no andor



Fonte: Japão em Foco (2013)

CORPO IDENTIDADE: COERSÃO E COMPORTAMENTO

A forma como nossa sociedade instituiu uma divisão rígida a respeito de gêneros forçou um binarismo homem/mulher (macho e fêmea) e formou a maneira como os indivíduos são educados para atuar de acordo com os gêneros com os quais são identificados assim que nascem. Segundo Le

Breton “Em nossas sociedades, por exemplo, tanto a menina como o menino podem ser educados conforme uma predestinação social que, de antemão, lhes impõe um sistema de atitudes que corresponde aos estereótipos sociais. (2006, p 67)”. o que dialoga diretamente com o que afirma Judith Butler:

o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente. (BUTLER, 1988, p. 3)

Dessa forma os corpos classificados exclusivamente como masculinos ou femininos devem se moldar as expectativas que estão acerca deles e satisfazer os requisitos de qualificações sociais e culturais, como afirma Breton “As qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos e as normas de comportamento implicadas (2006, p. 68)”. O gênero, que costuma ser definido geralmente como inquestionável obra da natureza, é na verdade fruto de um série de convenções sociais que colaboram com a ideia de identidade de gênero. Para Butler não há nada de natural nessa classificação sexo/gênero mas na verdade uma construção cultural que atende á interesses reprodutivos.

A partir dessas normas sócio-culturais homens e mulheres devem performar de acordo com as imposições atreladas a cada gênero, obedecendo essa lógica binária e evitando se desviar das imposições e proibições que definem o que é ser homem ou mulher na sociedade. Como consequência dessa diferença, homens e mulheres experimentarão tratamentos distintos por parte da sociedade, ou seja, corpos masculinos e femininos serão vistos e lidos de formas diferentes.

Logicamente, numa sociedade patriarcal, o corpo das mulheres sempre foi e continua sendo alvo de muito mais repressão. Entre avanços e retrocessos, a disputa pela liberdade do corpo é constante, especialmente em relação ao corpo feminino e a organização coletiva é importante na busca dessa liberdade, segundo Le Breton:

O feminismo através da atividade militante tornou possível a reflexão sobre certas desigualdades sociais e sobre os estereótipos de discursos e atitudes, sobre as práticas sociais que fazem da mulher, como evidencia por outro lado Goffman, um ser

freqüentemente em exposição diante do homem e a ele subordinado. Nos anos 1970, o debate sobre a sexualidade, a contracepção, o aborto, etc., revelou os embates políticos dos quais o corpo da mulher podia ser objeto. E paralelamente, o do homem. (LE BRETON, 2006, p. 68 - 69)

Em Junho de 2022 a Suprema Corte dos Estados Unidos suspendeu o direito ao aborto . Desde de 1973 o direito à interrupção de uma gravidez indesejada era garantido, agora quase 50 anos depois, o país retrocede e deixa de garantir tal direito individual e passa aos estados o poder de decidir a legalidade do procedimento. Esse é um exemplo de como a autonomia do corpo, em especial o feminino, está sempre em disputa e mesmo direitos já garantido há décadas podem deixar de existir.

Outro exemplo de repressão sobre o corpo feminino é a chamada mutilação genital feminina ou MGF. A prática atinge cerca de 200 milhões de meninas e mulheres de acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas) e está concentrada principalmente em países da África e do Oriente Médio. A mutilação consiste na remoção parcial ou total do clitóris e outras intervenções na vagina de acordo com o Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil (UNIC). As motivações para a realização de tal prática pertencem a contextos sócio-culturais.

Em algumas situações, o procedimento é considerado um meio de controlar a sexualidade das mulheres, vista às vezes como “insaciável”, caso partes dos órgãos genitais, especialmente o clitóris, não sejam removidas. A prática também seria uma maneira de garantir a virgindade antes do casamento e a fidelidade após o matrimônio. Espera-se ainda que a mutilação aumente o prazer sexual dos homens.

A prática faz parte do campo cultural de muitos desses povos e chega a ser um pré-requisito para o casamento em certas culturas, uma clara demonstração de como o corpo feminino é tratado como artefato utilitário a serviço de uma sociedade dominada por homens.

Em cada cultura, todo corpo será envolvido numa série de disputas sócio-culturais diferentes à depender da época em que vivem. A forma como se definirá o que é nudez e o que não é, por exemplo, vai depender de uma série de condições.

Um homem sem camisa não está nu, uma mulher com os seios à mostra está. Talvez um dos exemplos mais notórios dessa diferença cultural em relação a nudez de homens e mulheres seja os mamilos. Percebe-se por essa pequena parte do corpo humano que a definição de nudez depende não só de qual parte do corpo está à mostra mas também que qual gênero a está mostrando. Sobre o porquê o mamilo feminino gera esse incômodo na sociedade, Naomi Wolf teoriza:

No entanto, se considerarmos a forma pela qual os órgãos genitais femininos são fisicamente ocultos, ao contrário dos órgãos masculinos, e como os seios femininos são fisicamente expostos, ao contrário dos masculinos, podemos ver tudo de um ângulo diferente. Nesse caso, os seios femininos correspondem ao pênis masculino como a vulnerável "flor do sexo" no corpo, de tal forma que exibir uns e ocultar o outro torna o corpo feminino vulnerável enquanto o do homem é protegido. (WOLF, 1992, p. 184)

O controle que um indivíduo tem sobre o próprio corpo está constantemente num campo de disputa social/estatal. Até mesmo os homens já tiveram que lutar por liberdades que hoje são tidas como comuns. Segundo reportagem do jornal americano "The Washington Post" de janeiro de 2019, há quase 100 anos homens eram presos por estarem descamisados em praias americanas, de acordo com a matéria durante a década de 1930 homens tiveram que lutar pelo direito de estar sem a parte de cima do traje de banho nas praias.

A coersão social que regula, ou tenta regular, a nudez dos indivíduos também apresenta certas contradições. Ao mesmo tempo que o corpo feminino é o que mais sofre tentativas de regulação é também o que tem sua nudez mais explorada. No Brasil, se os mamilos femininos devem estar longe das vistas de todos, a bunda por outro lado não apresenta a mesma ameaça à moralidade aparentemente. Essa parte do corpo feminino chega a ser exaltada como característica de beleza da mulher brasileira. O bikini fio dental, o mais comum nas praias brasileiras, não esconde os glúteos femininos e seu uso não é motivo de desaprovação e protestos como os mamilos expostos tendem a ser. Por outro ponto de vista o homem que pode exibir livremente seu peitoral em público sem ser mal visto por isso, não encontra a mesma liberdade quando se trata de exibir os glúteos. Essas apreensões distintas de como corpos são vistos e como devem ou não se

expressar vão fundamentando a forma como os comportamentos são aprendidos, seja pelo exemplo, seja pela força.

CORPO E AUTOESTIMA: A LEGITIMAÇÃO DA BELEZA

A exposição do corpo e a apreciação do mesmo estão intimamente ligadas a autoestima e esta por sua vez depende em grande parte da maneira como cada sociedade ou cada cultura compreende, regula ou determina o que é beleza e o que não é. Assim, a percepção que uma pessoa tem de si mesma, ou do seu próprio corpo está comumente subordinada à esse pacto social. Tão forte é esse pacto e o impacto causado por ele que expressões como “ditadura da beleza”, “padrão de beleza” podem dar alguma pista do quanto o sujeito social é afetado por ele, na forma de ver o outro e a si mesmo. Segundo Le Breton:

O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente maternal, da qual tira um benefício ao mesmo tempo narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros. Na modernidade, a única extensão do outro é frequentemente a do olhar: o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais medidas. (LE BRETON, 2006, p, 78)

Ao longo da história da arte a representação do corpo nu aconteceu de maneira frequente. Desde as esculturas e pinturas da Antiguidade clássica até a história recente com o surgimento da fotografia, o nu abordou questões relacionadas ao corpo em cada época em que foi produzido. Ora alcançando fascínio ora reprovação, a imagem do nu também ajudou a construir alguns ideais de beleza que são vigentes até os dias atuais. Das estátuas gregas às capas de revistas, as medidas que ditam as características de um corpo “perfeito” se fixaram no inconsciente coletivo de tal forma que se costuma fazer associações positivas que não necessariamente serão reais, como por exemplo, à saúde. O corpo definido por músculos nem sempre será sinónimo de corpo saudável. Um indivíduo que possui um corpo pertencente ao padrão socialmente aceito pode simultaneamente ter hábitos prejudiciais para a saúde, como fumar ou fazer uso de anabolizantes por exemplo. A partir dessa lógica favorável a imagem do corpo “perfeito”, a avaliação do corpos

antagônicos a este, o corpo gordo por exemplo, estará em conjunção com características negativas, o desleixo, a preguiça.

Sendo assim, enquanto a nudez de uns corpos pode ser apreciada a de outros deve estar afastada do meio social. O regimento implícito que determina os corpos dignos de apreciação e os rejeitados se dissemina pelo organismo social e repercute nos comportamentos dos sujeitos.

A corpolatria (o culto ao corpo) passa pelo treino, pela sexualidade, pela estética e pela medicina, promovendo mudanças que fazem o corpo enquadrar-se em uma ordem discursiva segundo a qual ele deve ser magro (...), fortalecido, bem-modelado (...) belo e jovem. A sua sexualidade pode ser escondida ou mostrada, a depender de fatores como a posição-sujeito ocupada pelos sujeitos. (RODRIGUES, 2020, p. 271)

O amor-próprio, combustível essencial para o bem-estar do indivíduo, se encontra então em um lugar de extrema vulnerabilidade, assentado sobre esse solo de imposições e repressões que o deixa ainda mais frágil. Naomi Wolf em O Mito da Beleza observa:

E o que é mais instigante, a nossa identidade deve ter como base a nossa "beleza", de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa trazendo nosso amor-próprio, esse órgão sensível e vital, exposto a todos. (WOLF, 1992, p. 17)

A construção do padrão vai criando seu próprio universo de representação de uma beleza hegemônica imaginada e baseada nos ideais de perfeição da antiguidade grega. Irreal, essa representação ignora que no mundo há uma infinidade de corpos diferentes, repletos de subjetividades.

Os corpos encontrados nos museus e veiculados pelos meios de comunicação de massa têm sido predominantemente corpos vinculados ao padrão ideal da arte clássica, especialmente aqueles corpos que manifestam características de força do corpo masculino e a sensualidade suave dos corpos femininos. São corpos com equilíbrio, simetria, proporção, solidez e, sobretudo, corpos rígidos e fortes, mesmo em se tratando da representação dos corpos femininos (MENDES, 2012, p. 60-61)

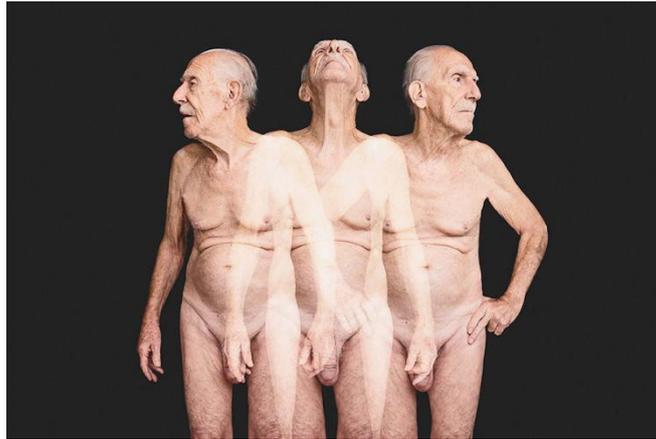
A produção artística contemporânea, para além de ser usada como meio de representação do belo, tem papel fundamental nas discussões centralizadas pelo tema corpo. Uma arte que tem ciência do lugar que ocupa, do tempo ao qual ela pertence, de quais corpos a cercam é uma arte

comprometida em refletir, e refletir em dois sentidos do verbo. Primeiro no sentido de criar uma representação imagética do objeto (corpo) retratado e segundo fazer pensar, gerar uma reflexão sobre o mesmo.

A fotografia como meio de reprodução de imagem, reflete (cria imagem de) corpos e pode refletir (criar reflexão sobre) corpos. Apesar de ainda percebermos um padrão dominante de representações da beleza na produção fotográfica, a demanda por diversidade pode ser vista refletida em projetos fotográficos e em perfis pessoais nas redes sociais atualmente. A arte, através da fotografia, pode confrontar os paradigmas de beleza na sociedade e proporcionar discussões a respeito de temas como: gordofobia, capacitismo, etarismo, machismo, moralismo e tantas outras repressões que atingem o corpo.

O projeto 365 Nus criado pelo fotógrafo carioca Fernando Schlaepfer produz uma coleção fotográfica tendo o nu como tema central que traduz perfeitamente essa aproximação entre o nu, a arte, a beleza e a diversidade. Em 2015 Schlaepfer se desafiou à postar uma foto de nu artístico por dia, durante 365 dias. A primeira foto escolhida para o projeto foi a do seu avô, Hugo, que havia sido vice-presidente da Associação carioca de Naturismo, e que influenciou diretamente, segundo o próprio Fernando, a maneira como ele lida com a nudez. Com uma ampla diversidade de pessoas, o projeto insere a nudez num cotidiano de forma tão natural que o nu se mistura com os cenários onde está incluído, seja na sala de um apartamento, numa rua, ou em meio à natureza. Através de corpos das mais diversas cores, idades e proporções, o 365 nus revela a beleza de um jeito ímpar ao apresentar de forma honesta e poética a diversidade de corpos fotografados. Ao extrair através das lentes de sua câmera, a beleza e a potência que cada um desses corpos carrega em si, o projeto reflete sobre a relação de cada pessoa com seu corpo e com o mundo que a cerca.

Figura 42 - Avô do Fernando Schlaepfer para o projeto 365 Nus



Fonte: Papo de Homem (2016)

Figura 43 - Autorretrato Fernando Schlaepfer



Fonte: Vírgula (2016)

O contato com esse trabalho fotográfico deixa evidente que o nu é capaz de dialogar com tantos sentimentos, como se pudesse adquirir um novo significado em cada corpo, em cada pessoa e é capaz de sensibilizar o olhar e fazê-lo enxergar a beleza fora das regras dos paradigmas culturais. O projeto foi tão bem sucedido que após o recurso de um financiamento coletivo foi publicado como livro.

A relação do homem com o próprio corpo e com a exibição dele se liga a uma trama social de poder, onde o sujeito pode exercer uma dominação ou uma submissão em relação à outro corpo. Dessa forma, o corpo tem importância fundamental da presença do sujeito do âmbito social e nas relações que constrói com o outro. Segundo Ponty:

Comumente o homem não mostra seu corpo e, quando o faz, é ora com temor, ora com a intenção de fascinar. Parece-lhe que o olhar estranho que percorre seu corpo rouba-o de si mesmo ou que, ao contrário, a exposição de seu corpo vai entregar-lhe o outro sem defesa, e agora é o outro que será reduzido à escravidão. Portanto, o pudor e o despudor têm lugar em uma dialética do eu e do outro que é a do senhor e do escravo: enquanto tenho um corpo, sob o olhar do outro posso ser reduzido a objeto e não contar mais para ele como pessoa, ou então, ao contrário, posso tornar-me seu senhor e por minha vez olhá-lo, mas esse domínio é um impasse, já que, no momento em que meu valor é reconhecido pelo desejo do outro, o outro não é mais a pessoa por quem eu desejava ser reconhecido, ele é um ser fascinado, sem liberdade, e que a esse título não conta mais para mim. Dizer que tenho um corpo é então uma maneira de dizer que posso ser visto como um objeto e que procuro ser visto como sujeito, que o outro pode ser meu senhor ou meu escravo, de forma que o pudor e o despudor exprimem a dialética da pluralidade das consciências e que eles têm sim uma significação metafísica. (PONTY, 1999, P. 230 - 231)

O NU NATURAL: E O OLHAR DESNATURALIZADOR DO INVASOR

A colonização europeia nas Américas não foi apenas uma invasão territorial mas também profundamente cultural. A invasão, que alguns insistem em chamar de descobrimento, foi na verdade uma dominação sobre os povos indígenas que aqui viviam. Sob a pretexto de promover um “avanço” cultural, os costumes dos europeus auto proclamados “civilizados” se impõem sobre os dos povos originários, selvagens aos olhos do europeu. Na ocasião do “descobrimento” do Brasil, a Europa estava sob forte influência católica/cristã, logo, é possível imaginar o espanto causado pela naturalidade com a qual os povos indígenas brasileiros se relacionavam com seus corpos, alheios a toda carga negativa da moralidade cristã que pesa sobre o corpo.

A carta de Pero Vaz de caminha enviada à Portugal narrando sobre os povos das terras que mais tarde se chamaria Brasil dá destaque á nudez dos indígenas em alguns trechos. “Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma

que lhes cobrisse suas vergonhas”, o uso da palavra “vergonha” para se referir aos genitais já denota a forma estigmatizada como o europeu enxergava a nudez.

A moral cristã do estrangeiro permeia a visão dele à respeito da forma natural como o indígena exibia seu corpo, entendida por Caminha como sinal de inocência: “A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto.”

A forma como se dedica a descrever a nudez indígena, em especial da mulher indígena, expõe como o olhar estrangeiro para além de curiosidade está tomado também por algum desejo. O fascínio pelo corpo feminino indígena o faz, inclusive, traçar comparações com os corpos das mulheres europeias, onde esses seriam superados em beleza pelos corpos das mulheres desse novo continente .

“E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que as muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela”

Tendo em vista como a história do Brasil foi escrita ao longo dos mais de quinhentos anos de existência, e como se desenvolveu a sociedade brasileira até chegar em como ela se encontra hoje, vemos como foi determinante o domínio europeu para a completa reconfiguração na maneira como lidamos com a nudez de nossos corpos, não mais entendida como natural, assim como enxergavam os povos originários que aqui viviam, mas diferente disso, algo que deve ser coberto, escondido. Esse embate sociocultural entre a moral europeia e a liberdade indígena é descrita com humor num verso do poeta Oswald de Andrade “ Quando o português chegou debaixo de uma bruta chuva vestiu o índio, Que pena! Fosse uma manhã de sol o índio tinha despido o português”.

BRASIL: O CARNAVAL, A GLOBELEZA E OS DESDOBRAMENTOS DO RACISMO

O Carnaval no Brasil é provavelmente o maior evento cultural do país, e sua manifestação se adapta às mais diversas formas de comemoração em diferentes regiões, sendo a mais popular delas os desfiles das escolas de samba.

A cobertura especial de carnaval da Rede Globo de televisão existe desde 1990 mas é a partir de 1993 que dá destaque a sua própria musa de carnaval, a Globeleza. Na vinheta clássica exibida durante a temporada de carnaval da emissora, uma mulher negra, nua, coberta apenas por pintura, gliter e alguns acessórios, samba e convida o público à assistir a transmissão dos dias de festa. A vinheta se tornou um clássico anual da televisão brasileira.

Figura 44 - Vinheta Globeleza 2017



Fonte: Globo (2017)

Porém, uma mudança radical a partir de 2017 mudou o conceito da Globeleza até então consagrado pela Globo. Diferente dos anos anteriores, a Globeleza de 2017 não aparecia nua. Vestida com roupas típicas e acompanhada de outros dançarinos, a vinheta do carnaval passou a homenagear outras manifestações culturais do carnaval brasileiro como o frevo, o maracatu e o bumba meu boi. A mudança levantou discussões a respeito da sexualização de corpos negros. A imagem de uma mulher negra, dançarina talentosa, linda, como um corpo escultural, sambando nua e sendo

destaque na maior emissora do Brasil poderia, sob um ponto de vista mais otimista, significar um exemplo de representatividade, no qual mulheres negras brasileiras poderiam se identificar. Porém há outros olhares e vivências a serem consideradas para analisar essa situação sob outras perspectivas. Em uma sociedade muito fundamentada no patriarcado e extremamente racista como a nossa, o corpo negro experiência outras formas de olhares. Em especial o corpo da mulher negra, que carrega estigmas e é vítima de extrema sexualização. Sob um aspecto racial, o que para uma mulher branca poderia significar liberdade, para uma mulher negra pode ser apenas uma continuidade de práticas que exploram o seu corpo. Em matéria do Portal Gelédes, Djamila Ribeiro afirma:

“Luiza bairros tem uma frase muito interessante que explicita muito bem o lugar que a sociedade confere à mulher negra: “nós carregamos a marca”. Não importa onde estejamos, a marca é a exotização dos nossos corpos e a subalternidade. Desde o período colonial, mulheres negras são estereotipadas como sendo “quentes”, naturalmente sensuais, sedutoras de homens. Essas classificações, vistas a partir do olhar do colonizador, romantizam o fato de que essas mulheres estavam na condição de escravas e, portanto, eram estupradas e violentadas, ou seja, sua vontade não existia perante seus ‘senhores’ ” (RIBEIRO, 2017)

Logo, estar nua em rede nacional pode ter outras intenções, que não parte, diretamente da mulher apresentada nua, mas sim do veículo que a exhibe e do discurso que ele pretende.

Figura 45 - A Evolução da Globeleza



Fonte: Veja (2017)

Como vivemos numa sociedade onde os espaços de poder são geralmente dominados por homens brancos, é comum que a imagem da pessoa negra nos seja apresentada após o processo de filtragem do branco, ou seja, é fácil que negros sejam representados não como são mas como os brancos os enxergam, e como esse olhar pode facilmente ser contagiado por preconceitos raciais, essa representação pode, como resultado, ser carregada de estereótipos negativos atrelados a pessoa negra. Segundo Le Breton:

O processo de discriminação repousa no exercício preguiçoso da classificação: só dá atenção aos traços facilmente identificáveis (ao menos a seu ver) e impõe uma versão reificada do corpo. A diferença é transformada em estigma. O corpo estrangeiro torna-se corpo estranho. A presença do Outro se resume à presença de seu corpo: ele é seu corpo. A anatomia é seu destino. O corpo não é mais moldado pela história pessoal do ator numa dada sociedade, mas ao contrário, aos olhos do racista, são as condições de existência do homem que são os produtos inalteráveis de seu corpo. (LE BRETON, 2006. p. 72 - 73)

A discussão causada por esse episódio levanta o seguinte questionamento, a vinheta da Globeleza nua realmente tem a intenção de representar o carnaval e a brasilidade através da mulher negra ou apenas usa essa corpo negro para atrair o olhar masculino, seduzir o estrangeiro? como se esse corpo fosse parte do combo servido no carnaval brasileiro, samba, caipirinhas, praias e “mulatas”, pronto para ser vendido e consumido.

Em texto publicado no portal Gelédes intitulado “Por que a ‘nova Globeleza’ é um avanço para a representatividade das mulheres negras no Brasil” Rosane Borges, doutora em ciência da comunicação observa como essa mudança é significativa para o modo como a mulher negra é historicamente vista social e culturalmente, ela diz:

“a globeleza não é o retrato da mulher negra. Ela é a representação da mulata, que vem do imaginário escravocrata e da ideia de que a ‘branca é pra casar, a mulata para fornicar e a preta para trabalhar’. Quando a globo insiste na mulher negra como símbolo do carnaval que ‘tudo pode’ é este imaginário colonizado que ela está reforçando” (BORGES, 2017)

Contudo, o que se torna evidente no núcleo dessa questão não é uma crítica à nudez em si mas ao seu uso para reforçar comportamentos machistas, racistas, misóginos ou de qualquer outro que reduza o corpo negro à um produto. Em sua poesia intitulada “Mulata Exportação”, a poeta, atriz e cantora Elisa Lucinda sintetiza bem a questão ao dar voz a mulher negra em oposição ao discurso do homem branco que a corteja, o poema se encerra de maneira dura e direta:

Digo, repito e não minto:
 Vamos passar essa verdade a limpo
 porque não é dançando samba
 que eu te redimo ou te acredito:
 Vê se te afasta, não invista, não insista!
 Meu nojo!
 Meu engodo cultural!
 Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,
 não é comer uma mulata!

Entretanto, não são apenas as mulheres negras as únicas atingidas por essa prática. Os homens negros também experienciam a hipersexualização de seus corpos com frequência. A imagem do "negão bem dotado" construída no imaginário social e que povoa o inconsciente coletivo coloca o corpo do homem negro num forte contexto sexualizado e exige dele padrões de comportamentos que devem por obrigação corresponder ao que se espera de um "negão". Ser taxado como “bem dotado” numa sociedade tão falocêntrica como a nossa pode parecer se tratar inclusive de um elogio, porém disfarça o tom racista agregado a esse “elogio”, pois reduz o homem negro a o seu órgão sexual. Em texto publicado pelo portal Geledés, Caio Cesar dos Santos relata:

Exercer a sexualidade é um direito de todos nós, seja qual for a sua cor, gênero ou orientação sexual. Quando falo sobre hipersexualização de homens negros, não quero dizer que você está proibida (o) de achar o corpo daquele homem bonito, atraente

etc., isso é normal e faz parte das relações humanas. O desejo, o interesse, tudo isso é realmente normal. Hipersexualizar um homem negro é tirar dele a condição de homem. É vê-lo somente como um corpo, um fetiche, pronto para ser usado e abusado pelos seus desejos sexuais. É caracterizá-lo sexualmente como selvagem, viril e violento. É especular sobre o tamanho do seu órgão sexual sem nunca tê-lo visto nu. (DOS SANTOS, 2017)

Os corpos rotulados como diferentes, obviamente a partir da visão dominante daqueles que são considerados a norma, tendem a agregar uma série de estigmas. Esses valores vão servir para reforçar as qualidades da norma e desqualificar o “anormal”. Assim como o corpo negro será posto como exótico, bruto, ou objetificado quando assim for conveniente. Assim também o corpo deficiente marca a “perfeição” daqueles que não apresentam deficiência alguma. A deficiência de determinados corpos serão postas como dado essencial a ponto de se sobrepor a qualquer outra característica da pessoa. Segundo Le Breton:

Nossas sociedades ocidentais fazem da "deficiência" um estigma, quer dizer, um motivo sutil de avaliação negativa da pessoa. Fala-se então de "deficiente" como se em sua essência o homem fosse um ser "deficiente" ao invés de "ter" uma deficiência. (LE BRETON, 2006, p. 73 - 74)

Dessa forma, o cego, o surdo, o mudo, o cadeirante, e tantos outros adjetivos que definem uma deficiência, se tornam referencia essencial da pessoa. À esses adjetivos são empregados outros tantos estigmas que mostram como a sociedade vê a pessoa com deficiência. Coitado, sofrido, doente, infeliz, ter uma deficiência faz com que o indivíduo seja visto geralmente como incapaz, e portanto, digno de pena. No que diz respeito especialmente a deficiência física, diferente do que acontece com o corpo negro que tende a ser hipersexualizado, o corpo deficiente costuma ser visto como um corpo desprovido de erotismo.

Aparentemente apenas ao corpo tido como normal é permitido exercer inteiramente sua potência, seja ela física, sexual ou política. Aos outros corpos resta estar à margem desses direitos. Esse sistema cultural de qualificação de corpos que valida uns e exclui outros cria uma ruptura essencial na forma como nos comportamos socialmente. Le Breton diz:

A apresentação física de si parece valer socialmente pela apresentação moral. Um sistema implícito de classificação fundamenta uma espécie de código moral das aparências que exclui, na ação, qualquer inocência. Imediatamente faz de qualquer um que possua hábito, monge incontestável. A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social e moral conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça. (LE BRETON, 2006, p. 78)

CAPÍTULO 4

CORPO POLÍTICO: AS NORMAS DA CONDUTA CORPORAL

O CORPO VELADO

A medida que a concepção de civilização vai se concretizando no mundo, os fenômenos regulatórios vão sendo construídos e se tornando fundamento civilizatório primordial para a formação da sociedade. Os comportamentos dos indivíduos precisam ser regulados para que haja alguma homogeneidade e que por meio disso torne o corpo social passível de ser disciplinado. Como aponta Le Breton:

As regras de civilidade vão, de fato, impor-se para as camadas sociais dominantes. Como se comportar em sociedade para não ser, ou parecer, um bruto. Pouco a pouco o corpo se apaga e a civilidade, em seguida a civilização dos costumes, passa a regular os movimentos mais íntimos e os mais ínfimos da corporeidade (as maneiras à mesa, a satisfação das necessidades naturais, a flatulência, a escarrada, as relações sexuais, o pudor, as manifestações de violência, etc.). (LE BRETON, 2007 , p 21)

Os modos de vida, convivência, prazer, passam a ser regidos por regras sociais a fim de criar essa noção de civilidade, e os corpos devem obedecer à essas regras coletivas a fim de pertencimento. Ou seja, ser reconhecido como cidadão, civil, exige que os corpos se moldem aos requisitos socioculturais que determinam o que é ser civilizado ou não. Assim, criando uma separação sólida entre o que pode ser de esfera pública e o que deve pertencer ao âmbito privado do sujeito. Le Breton diz “As manifestações corporais são mais ou menos afastadas da cena pública, muitas delas desde então ocorrendo nos bastidores; tornam-se privadas. (2007, p 21)”. Dessa forma o corpo individual se torna coadjuvante enquanto o corpo coletivo passa a ser protagonista.

Nas artes, a nudez que em certo período poderia ser vista representada em obras expostas publicamente sem produzir qualquer constrangimento,

após o domínio do pensamento cristão na Europa, passa a ser considerada profana, portando deveria estar longe dos olhos do de todos.

Ao contrário dos artistas gregos e romanos, que consideravam o nu masculino como exemplo da perfeição humana, após o cristianismo o nu das obras de arte passou a causar constrangimentos. Antes de ser exibidas para o público, as estátuas tinham seus órgãos genitais tapados, ou o pênis quebrado com um martelinho especial. O Davi, de Michelangelo, antes de ser exibido em Florença, em 1504, recebeu uma folha de figueira, só retirada em 1912. (LINS, 2007, n.p)

Nos dias atuais com a possibilidade de qualquer pessoa poder gerar conteúdo, expor pensamentos e opiniões e exibir imagens, oferecida pela internet e por redes sociais, as questões em torno da exposição do nu ainda se tornam o centro de debates e expõem tanto o modo com o qual a sociedade lida com tal exposição como também o modo como as redes gerenciam suas diretrizes.

Em Maio de 2016, uma fotógrafa estadunidense chamada Heather Whitter decidiu compartilhar em seu perfil pessoal no Facebook um momento de intimidade familiar, uma imagem de seu filho pequeno que estava com febre sendo segurado no banho pelo pai.

Figura 46 - Fotografia pai e filho no chuveiro



Fonte: Hypheness (2016)

O momento fotografado por Heather visto como um ato de amor e cuidado entre pai e filho viralizou na rede social sendo excluída pela mesma após denúncias de conteúdo impróprio.

Além disso, fora do mundo virtual, os pais tiveram que enfrentar uma denúncia feita às autoridades locais que fez com que eles fossem investigados pelo Departamento de Segurança Infantil do Arizona, estado onde moram. As alegações seriam de que a exposição da imagem da criança naquela situação, sem roupa com o pai no chuveiro, seria negligência dos pais e a colocaria em risco. O processo acabou não tendo nenhuma consequência penal à família.

É possível que uma fotografia de uma escultura de milhares de anos atrás possa ser vista hoje como uma alusão à pornografia? Para as diretrizes do Facebook aparentemente sim. Em 2018 uma imagem da Vênus de Willendorf foi deletada da rede social sob a alegação de ferir as diretrizes da comunidade que não permite nudez e pornografia. O caso gerou repercussão e iniciou discussão a respeito de como o nu representado na arte, seja até mesmo numa estátua pré-histórica pode ser lido de forma tão despreparada e superficial. Encontrar algum aspecto pornográfico nessa peça ancestral parece absurdo, seria necessário uma imaginação extremamente fértil para conseguir visualizar algo de erótico nela, ainda assim apenas por ser uma representação de um corpo descoberto mesmo que não exatamente realista faz com que esta imagem seja censurada para o público de uma rede social.

Figura 47 - Vênus censurada



Fonte: página do MHNW no Facebook (2018)

O Museu de História Natural de Viena, onde a estátua se encontra se manifestou no em sua página no próprio Facebook após o ocorrido, a postagem diz:

Por 29.500 anos, "nossa" Vênus von Willendorf se apresentou como um símbolo pré-histórico de fertilidade, nua e em toda a sua glória. O Facebook agora está censurando e está causando polêmica há dias. Não queremos aceitar isso e implorar: Vênus deve permanecer nua!

Pouco tempo depois o Facebook se desculpou pelo erro e suspendeu a censura, permitindo que a foto da Vênus fosse publicada novamente.

Em 2018 um trabalho do renomado fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado foi censurado no Facebook. A reportagem especial nomeada “Sebastião Salgado na Amazônia” registrada pelo fotógrafo para o jornal Folha de São Paulo com imagens dos indígenas Suruwahas nus foi removida na rede social por não seguir os “padrões da comunidade” segundo a mensagem que era exibida ao tentar compartilhar a postagem no Facebook.

Figura 48 - Sebastião Salgado na Amazônia



Fonte: Folha de São Paulo (2018)

Apesar de não ser a primeira vez de um ocorrido dessa natureza envolvendo a imagem da exposição de corpos indígenas, o Facebook pediu desculpas após a repercussão do fato informando que a remoção do conteúdo havia sido um equívoco. "Apesar de nossos Padrões da Comunidade não permitirem nudez, buscamos compreender o valor histórico,

noticioso e cultural durante o processo de análise de conteúdos" afirmava a nota.

Nota-se que fazer a diferenciação entre uma imagem pornográfica e o nu em contextos artísticos e culturais, como no caso do nu presente na cultura de algumas comunidades indígenas, ainda é uma dificuldade das políticas de redes sociais como o Facebook.

Seja o nu representado na ternura do momento de pai e filho, o nu esculpido há quase 30.000 anos ou o nu natural dos povos originários, a censura ao corpo parece não fazer distinção entre diferentes contextos ou sequer se permite concessão de dúvida a respeito do motivo da nudez, o dever é censurar e ponto. Aparentemente a moderação do Facebook é bastante conservadora, seu algoritmo bastante sensível a nudez e incapaz de dissociar arte e genitália, talvez a engenharia das redes digitais não seja tão eficaz como pretende, ou está apenas cumprindo ordens de mentes (humanas) moralmente conservadoras. Fosse o algoritmo o único problema seria provavelmente até menos complexo de lidar, a questão é que a moralidade inserida no "DNA" das redes sociais vem da cabeça de gente de carne e osso. As políticas dessas comunidades virtuais são decididas por pessoas e portanto carregam falhas humanas, permitindo que no mundo virtual sejam reproduzidas as mesmas questões morais da vida real.

O projeto da fotógrafa Pamela Facco foi mais um alvo de censura, desta vez por parte do Instagram, rede social que pertence a empresa Meta que também é dona do Facebook. O Instagram surge com foco em fotografia, portanto ele pode ser uma excelente vitrine para um fotógrafo expor seu trabalho, pelo menos para o fotógrafo que não trabalhe com nudez ou que até trabalhe mas de forma que atenda os interesses mercadológicos das redes.

No perfil de seu projeto no Instagram que a própria fotógrafa define como: " Galeria da Pamela Facco. retirando a ideia da nudez como lugar erótico e quebrando os padrões estéticos. Todo corpo é perfeito." são postadas imagens de ensaios individuais ou em grupo de pessoas de corpos diversos nuas, dedicando seu olhar ao nu não erótico, com muita sensibilidade, o trabalho de Pamela se apropria do corpo e potencializa outros aspectos que geralmente são renegados em função do erotismo simples.

Figura 49 - Poesia com Elos



Fonte: Perfil do Instagram do Poesia com elos (2023)

As fotos são postadas com tarjas cobrindo as partes genitais para tentar contornar a censura da rede mas isso não impediu que ela acontecesse. Em 2018 a conta do Poesia com Elos foi excluída por estar em “desacordo com as regras do Instagram”. O ocorrido motivou Pamela a entrar com um processo contra o a rede por danos morais, se tornando o primeiro caso judicial envolvendo a rede social por censura a um trabalho artístico no Brasil.

Figura 50 - Poesia com Elos



Fonte: Perfil do Instagram do Poesia com Elos (2023)

Pamela saiu vitoriosa, tendo ganhado em primeira e segundas instâncias, o Instagram, além do pagamento de indenização, foi obrigado a reativar a conta do projeto e impedido de voltar a excluir suas publicações.

O que parecia um caso encerrado para a fotógrafa teve mais um capítulo de censura em 2022, a vitória de Pamela em 2019 não impediu que o Instagram derrubasse novamente a conta de seu projeto fotográfico, o que resultou em um novo processo movido por ela contra o Instagram.

Figura 51 - Poesia com Elos



Fonte: perfil do Instagram do Poesia com Elos (2023)

O CORPO REVELADO

“A toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade: as ações mútuas de dois corpos um sobre o outro são sempre iguais e dirigidas em sentidos opostos” isso é o que nos diz a terceira lei de Newton. De certo que não é apenas na física que podemos observar tal fenômeno, ao traçarmos um paralelo com a sociedade veremos que esta lei pode ser aplicada nas dinâmicas do convívio social. Quando a censura se impõe sobre os indivíduos ela invoca, mesmo que involuntariamente, uma força contrária. Em O Corpo Educado, Guaciara Lopes Louro diz:

Quando o poder é exercido sobre nosso corpo, "emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder" (Foucault, 1993, p.146). Buscamos,

todos, formas de resposta, de resistência, de transformação ou de subversão para as imposições e os investimentos disciplinares feitos sobre nossos corpos. (LOURO, 2000, P. 15)

O entendimento do corpo e de suas possibilidades e potencialidades também ocorre nessa disputa que pretende disciplinar os corpos. O exercício de enxergar o corpo também com um instrumento de interação com o mundo permitiu o desenvolvimento de mecanismos para a ação e também para a reação. Ou seja, quando aprendemos como agir consequentemente aprendemos também como não agir. Louro prossegue:

Para Foucault (1993, p.146), "o domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo". (LOURO, 2000, P. 15)

O uso do corpo como forma de enfrentar a tentativa de cerceá-lo é uma síntese desse pensamento. O protesto utilizando a nudez como instrumento para atacar a censura ao corpo nu se torna eficaz no instante que consegue não apenas capturar a atenção da sociedade e dos meios de comunicação para o assunto em questão mas também expor o olhar preconceituoso pelo qual o corpo é visto.

Entre algumas incoerências da censura nas redes sociais está a maneira como ela diferencia peitos masculinos e femininos. Enquanto a exibição pública peitoral do homem não causa qualquer constrangimento, os seios femininos, pelo contrário, ainda são cercados de tabus, mas especificamente uma parte dos seios, o mamilo. É fato que há uma diferença biológica no dorso de homens e mulheres mas também uma diferença social e cultural na forma como são vistos e sexualizados. Sendo assim o mamilo feminino segue sendo alvo de polêmicas e proibições no espaço das redes sociais.

Essas proibições afetam diretamente fotógrafos que tem o nu como tema principal dos seus trabalhos. Como o fotógrafo americano Spencer Tunick, reconhecido no mundo inteiro pelas suas fotos com composições de nu envolvendo um grande número de pessoas. Tunick costuma convocar

dezenas, centenas e até milhares de pessoas comuns para comporem suas fotos, frequentemente usadas para chamar atenção para alguma causa social. Porém o trabalho de Tunick que costuma ser realizado em espaços públicos não é sempre bem recebido, o que já resultou em algumas prisões do fotógrafo.

Figura 52 - Fotografia Spencer Tunick



Fonte: The Guardian (2014)

No dia 2 de junho de 2019, em colaboração com a National Coalition Against Censorship (NCAC) Coalizão Nacional Contra a Censura, um grupo de mais de 50 organizações sem fins lucrativos que trabalha para a proteção da liberdade de pensamento e expressão, Tunick organizou uma instalação artística em frente a sede do Facebook e Instagram em Nova York para protestar contra o tratamento dado por essas empresas á nudez artística de trabalhos fotográficos.

Figura 53 - Protesto Spencer Tunick



Fonte: The Guardian (2019)

A Instalação/protesto, como parte da campanha #WeTheNipple (Nós os Mamilos), levou 125 pessoas, entre homens e mulheres, nus, segurando fotos ampliadas de mamilos masculinos, que serviam para esconder sua própria nudez. A ação em frente ao prédio da companhia leva ao mundo real a insatisfação de artistas frequentemente censurados por ela no mundo virtual, numa tentativa de que talvez assim eles sejam ouvidos.

Atualmente a política em relação a nudez da empresa diz que:

Nossas políticas sobre nudez ficaram mais flexíveis com o passar do tempo. Entendemos que a nudez pode ser compartilhada por diversas razões, inclusive como forma de protesto, de conscientização sobre uma causa ou por motivos médicos e educacionais. (Padrões da comunidade do Facebook, 2023)

Mas apesar de alegar uma flexibilidade para a exibição da nudez em suas redes, o texto se limita a dizer que permite nudez em casos específicos com fins de saúde ou educacionais, e ao citar obras de arte, menciona permitir apenas fotos de pinturas e esculturas, desconsiderando a fotografia de nu artístico, como vemos no trecho a seguir:

Quando essa intenção é clara, abrimos exceções para o conteúdo. Por exemplo, apesar de restringirmos algumas imagens de seios femininos em que apareça o mamilo, permitimos outras imagens, incluindo as que mostram atos de protesto, mulheres amamentando e cicatrizes pós-mastectomia. Em caso de imagens que retratam a genitália ou o ânus durante o parto ou pós-parto ou em situações relacionadas à saúde, incluímos um rótulo de aviso para que as pessoas saibam que o conteúdo pode ser sensível. Também permitimos fotos de pinturas, esculturas e outras obras de arte que retratam figuras nuas. (Padrões da comunidade do Facebook, 2023)

O coletivo artístico feminista Guerrilla Girls surgido em 1985 em Nova York é conhecido por contestar a hegemonia masculina e branca nas instituições de arte, através de intervenções urbanas e exposições as ativistas criticam especialmente o tratamento dado a trabalhos de artistas mulheres e a disparidade da quantidade de produção artística feminina em relação à

artistas homens nos museus. Uma das obras mais conhecidas do grupo se trata de um cartaz que evidencia percentualmente essa diferença. Na exposição realizada pelo grupo no Museu de Arte de São Paulo em 2017, a versão atualizada desse cartaz contava com o seguinte texto: “As mulheres tem que estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo? Apenas 6% dos artistas em exposição são mulheres, mas 60% dos nus são femininos”. Esse trabalho, já realizado em outros museus ao longo dos anos de existência do grupo, revela de forma objetiva o contraste explícito nas instituições de arte, entre a visão da mulher como artista e a mulher como musa (tema de interesse) de outro artista, normalmente homem.

Figura 54 - Guerrilla Girls MASP



Fonte: MASP (2017)

As provocações do grupo, que usa máscaras de gorila para manter o anonimato, expõem a razão dessa negligência aos trabalhos de artistas mulheres, o domínio masculino nas posições de poder no mundo das artes. Esse trabalho indica que o corpo feminino serve aos propósitos do museu, mas uma narrativa a partir da perspectiva da artista mulher ainda encontra certa resistência para entrar nele.

O ato de mostrar o seio em sinal de protesto é uma atitude usada por por ativistas no intuito de chamar atenção para uma causa ou questão social. Em 2019, durante uma das maiores premiações de música da América Latina, o Grammy Latino, a cantora chilena Mon Laferte exibiu os seios para protestar contra abusos ocorridos em seu país. No tapete vermelho da premiação, ocorrida em Las Vegas nos Estados Unidos, a cantora aproveitou a visibilidade do momento e deixou os seios à mostra com uma mensagem

escrita em seu corpo, onde se lia “No Chile, estupram, torturam e matam.” Bem sucedida, sua estratégia teve repercussão internacional, sendo veiculada em diversos veículos de mídia.

Figura 55 - Mon Laferte protesta no Grammy



Fonte: O Globo (2019)

A Exibição do corpo é uma estratégia também adotada pela World Naked Bike Ride, apelidada no Brasil de “Pedalada Pelada”. A campanha global reúne ciclistas em diversas cidades no mundo, que pedalam nus ou quase nus, no intuito de chamar atenção para a fragilidade dos ciclistas no trânsito das grandes cidades. O Protesto também tem por objetivo questionar a forma como as cidades são projetadas mais para os veículos automóveis em detrimento dos ciclistas.

Figura 56 - Ciclista protestando



Fonte: perfil cicleteiros no Medium (2020)

O número de casos de acidentes de trânsito envolvendo ciclistas que resultam em morte no Brasil é alarmante. Em matéria do jornal Folha de São Paulo de 2022 a notícia alerta que acidentes graves com ciclistas dispararam durante a pandemia (Covid-19) no Brasil em 2021. Segundo a matéria, cerca de 16 mil ciclistas tiveram que ser hospitalizados nesse ano. Em outra reportagem do Jornal O Globo publicada em 2020 afirma que mais de 13 mil ciclistas morreram no Brasil em acidentes de trânsito nos últimos 10 anos. Esses dados deixam evidente que é justa a indignação dos ciclistas e a necessidade de sua manifestação, e foi essa a maneira que eles encontraram de serem vistos e ouvido pela sociedade, ficando nus.

Figura 57 - Naked Bike Ride no Rio de Janeiro



Fonte: UOL notícias (2015)

Assim, a Naked Bike Ride funciona como protesto, pois todas as vezes que for noticiada, mesmo que o foco principal da notícia seja a nudez, as razões da sua existência deveram ser mencionadas também. Então de uma forma ou de outra a pauta será lembrada. Assim nota-se outra vez como o uso desse recurso pode ser eficiente para dar visibilidade á uma causa. A nudez é a forma e o protesto o conteúdo.

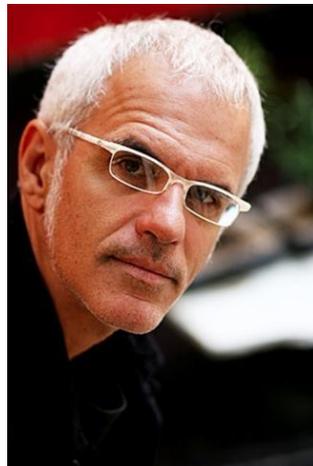
CAPÍTULO 5

O DIÁLOGO NU: ENTREVISTAS COM GAL OPPIDO E FILIPE CHAGAS

No intuito de examinar as questões ligadas ao nu tratadas nesse trabalho, foram entrevistados dois artistas cujos trabalhos lidam com o corpo nu e dissertam sobre os diversos temas que o cercam.

Gal Oppido (Marco Aurélio Oppido) é um multiartista paulistano, formado em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), se tornou também fotógrafo, desenhista, designer, músico e professor. O corpo humano e sua interação com o ambiente é tema recorrente nas obras de Gal. Com sua exposição “Sentidos da Pele” (2016) foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como melhor exposição. O trabalho visual que Oppido produz a cerca das potências do corpo humano amparam várias questões relacionadas a ele, sendo uma delas, a nudez.

Figura 58 - Gal Oppido

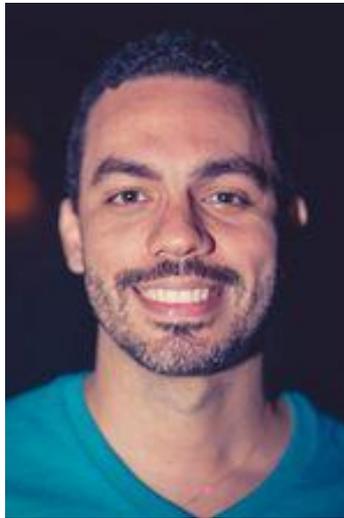


Fonte: Vox News (2017)

Filipe Chagas é carioca, formado em design pela Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI - UERJ), se tornou professor de arte e em 2017 criou uma revista acadêmica virtual de arte focada na nudez masculina, a “Falo Magazine”, que já conta hoje com 30 edições, além de edições especiais como o projeto Davi com a colaboração dos leitores reproduzindo a

pose da famosa estátua de Michelangelo, edições traduzidas pro inglês, a Falo Art, Falo Photo e Falo History, edições especiais em espanhol, a Falo Hola e um especial sobre o ânus.

Figura 59 - Filipe Chagas



Fonte: perfil do Instagram de Filipe Chagas (2023)

O impulso para representar o corpo está presente desde sempre no trabalho de Oppido, segundo ele: “o corpo é natural, eu sempre desenhei, para mim o corpo é unidade básica do ser humano, quer dizer, a gente na verdade tem isso, a vida da gente começa e se encerra com o corpo”. Já a criação da “Falo Magazine” por Chagas aconteceu num momento de ataques à arte que tinham alguma relação com o corpo no Brasil, ele cita três principais que o marcaram, o trabalho do artista Maikon K, preso durante um performance no museu de Brasília, outra performance chamada (La Bête) do artista Wagner Schwartz, que gerou polêmica pela presença de uma criança que tocou seu pé durante a performance na qual ele estava nu, e por fim a exposição “Queer Museu” que enfrentou uma série de censuras devido ao teor de algumas de suas obras. Esses episódios o fizeram refletir sobre a necessidade de se criar um espaço de apreciação e informação sobre esse conteúdo ligado à nudez na arte.

Figura 60 - Capa da primeira edição da Falo Magazine



Fonte: Falo Magazine (2018)

Gal Oppido sempre viu como natural a presença do nu arte, logo para seu próprio trabalho ele diz ter sido um processo natural pois “desde o começo da história do homem a representação do corpo já se fez presente”. O nu artístico para Oppido, está nessa relação arte, ambiente e relações sociais, ele diz : “ ...o nu é uma das primeiras manifestações artísticas se não a primeira do homem na terra.”

Figura 61 - Fotografia de Gal Oppido

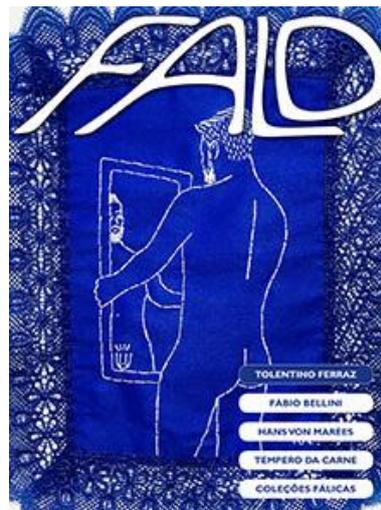


Fonte: perfil do Instagram de Gal oppido (2023)

Para Filipe Chagas, o nu na arte precisa ter conceito para não parecer uma coisa vazia, para ele não basta o apelo estético, esse nu deve estar alinhado a um contexto, um porquê, ele afirma: “ Então eu sempre vi a nudez dessa forma, para mim a nudez tem que ser trabalhada de forma conceitual e aí ela é válida. Ela pode ser até impositiva e conflituosa mas ela tem que ter um

porquê,” E desse modo, para ele, se definiria um nu artístico. Chagas afirma que o surgimento da fotografia marca um importante momento para a Arte, pelo impacto causado na pintura, estimulando-a à uma reinvenção, como as vanguardas da pintura que surgiram posterior a fotografia e também por ter devolvido a nudez a arte, que havia perdido durante a Idade Média até o Renascimento.

Figura 62 - Capa da edição n° 30 da Falo Magazine



Fonte: Falo Magazine (2023)

A respeito do tabu relacionado à nudez Chagas acredita que provém de uma estrutura social, com profundas raízes religiosas, sua constatação é de que antes do Cristianismo a nudez era performada de forma natural, em cultos à fertilidade não somente na Grécia, mas em Taiwan e Tibet por exemplo. E essa forma de encarar o nu muda radicalmente pós dominação do Cristianismo no mundo, ele diz: “Então existe sim uma questão da religião muito forte que se amplificou nessas questões europeias de machismo e racismo estrutural, isso é uma coisa que não é hoje (...) é uma coisa de pelo menos um milênio, é um milênio de tabu.”

A desvinculação entre o nu e o erótico ou o pornográfico para Oppido, se dá na visão que o artista cria para sua obra. Segundo ele, essa visão precisa ser autônoma, desassociada e despreocupada com questões comerciais que tornam o corpo produto, ele diz: “É um discurso, é um parecer do artista

sobre aquele tipo de universo que ele está tratando, seja nu ou seja qualquer um”

Figura 63 - Fotografia de Gal Oppido



Fonte: Instagram de Gal Oppido (2023)

Ao focarmos na diferenças de tratamento dado na imagem do nu de corpos masculinos e femininos, Chagas apresenta argumentos que explicariam o porquê dessa diferença. Ele acredita que devido ao machismo estrutural criado pelo patriarcado, ao explorar a nudez feminina e coibir a masculina, o patriarcado se protege, como se a nudez do homem pudesse torná-lo vulnerável e então devesse ser evitada, ao contrário da nudez feminina que pode servir e entreter a esse mesmo patriarcado fundamentalmente machista. Assim a imagem do nu feminino é distribuída com maior facilidade do que a do masculino, a não ser pelo mamilo, ainda considerado um tabu social do corpo das mulheres, sobre isso Chagas teoriza sobre o que ele chama de “a potência da erotização”, onde o mamilo feminino representa o tesão da mulher, sendo os seios parte proeminente do corpo feminino ao contrário da genitália feminina que é interna. Assim, os seios seriam equivalente ao pênis no homem, a potência sexual, a possibilidade do sexo. Essa teoria acompanha a hipótese apresentada por Naomi Wolf, que também correlaciona o peito feminino aos genitais do homem. Oppido acredita que é papel da Arte questionar esses conceitos e preconceitos e assim criar novos critérios ligados ao comportamento humano na contemporaneidade.

Em relação ao impacto gerado pela fotografia do nu na forma como as pessoas podem enxergar o próprio corpo, Filipe Chagas destaca que este impacto tende a ser ambíguo, na medida em que ele pode tanto servir para apresentar diversidade, quebrar padrões ou, por outro lado, alimentar e reforçar justamente esse padrão estabelecido de corpo ideal. Ele afirma: "...a fotografia é uma arma poderosíssima para essa questão da aceitação do corpo porém, quem usa essa arma?". Do mesmo modo, para questões sociais como racismo, sexualidade e etc. Filipe acredita que a fotografia serve como ferramenta mas é o artista que deve ter a iniciativa de abordar tais temas. Tal pensamento coincide com o trabalho de Oppido, que acredita que o corpo é um material que serve a discussão de temas para a fotografia, ele exemplifica: "...gordofobia, deficiência física e envelhecimento eu já tratei isso de algum modo, então como o meu universo é o corpo, o corpo é esse que nasce, vive e morre, então dentro desse arco é que eu faço a leitura"

Figura 64 - Fotografia de Gal Oppido



Fonte: Instagram de Gal Oppido

Sobre a censura que a nudez fotografada costuma sofrer, Gal Oppido confirma que seus trabalhos já foram censurados em alguns momentos nas redes sociais como Facebook e Instagram, ele relata: "essas plataformas estão interessadas em número de pessoas que tem adesão à elas, então elas preferem cortar, censurar do que criar ferramentas mais sofisticadas para instruir as pessoas que têm acesso aos conteúdos que existem". Filipe Chagas consolida a afirmação de Oppido, ele também confirma ter seu trabalho censurado nessas mesmas plataformas de redes sociais, já tendo tido foto e conta deletadas, ficando bloqueado no Facebook e ainda impedido

de fazer lives no Instagram. Mas Chagas chama atenção para um tipo específico de censura que possa ser talvez tão ou mais prejudicial ainda, aquela praticada pelo indivíduo, uma espécie de “auto-censura”, ou seja, a pessoa que gosta do conteúdo produzido mas por haver nudez acaba não interagindo com a postagem por vergonha ou por não querer se expor. É de conhecimento público que as interações com as postagens nas redes sociais, por exemplo, curtindo, comentando ou compartilhando o conteúdo postado auxilia o engajamento e esse engajamento ajuda à divulgar o trabalho, promovendo um alcance maior e angariando público. Portanto se esse público se auto censura e não interage com o material produzido acaba por não contribuir com o crescimento desse trabalho artístico, especialmente se tratando de um conteúdo produzido de forma independente esse engajamento contribuiria muito para a sua continuidade. Já no caso de uma censura em escala maior o efeito surtido pode até ser o contrário, Filipe cita o caso da exposição Queer Museu como exemplo, que sofreu uma grande censura mas a repercussão foi tão forte que fez com que o interesse pela exposição aumentasse. Chagas pontua: “...uma grande censura pode ser benéfica, é horrível estar falando isso mas é verdade, agora essas pequenas censuras que vão minando [o trabalho]”

Figura 65 - Edição Davi, Falo Magazine



Fonte: Falo Magazine (2020)

O que Chagas diz a respeito da exposição Queer Museu ter acabado por se beneficiar da tentativa de censura pôde ser confirmado na realidade, pois

para reabrir a exposição foi criada uma campanha de financiamento coletivo que resultou numa arrecadação recorde, mais de 1 milhão de reais, segundo reportagem do portal Hypesess.

Questionado sobre o lugar da exibição do nu artístico, Oppido pensa que essa exibição deve ser livre, ele acredita que vivemos um período retrógrado em relação à como o nu é visto na arte, porém ele adverte que para os propósitos do capitalismo essa nudez é usada de forma indiscriminada. Numa sociedade capitalista com a nossa, a imagem do nu é capturada para obter lucro, nesse contexto ela está disponível sem problemas pois serve ao Mercado. Nas palavras de Oppido: “as pessoas vendem cerveja ou bebida paralelamente com imagens de corpos nus, de glúteos, seios como se estivessem vendendo junto essas partes do corpo e isso é aceito, agora quando você coloca um corpo nu que é objeto de estudo, de discussão, aí eles te censuram”.

Compatível com a opinião de Oppido, Filipe Chagas também defende que o nu com propósito artístico deve ser livre mas reafirma que deve ter um conceito para que não haja nenhum desvio e ele possa ser desligado do seu sentido essencial, ele diz: “eu acho que a arte tem que se colocar como ferramenta de liberdade, ferramenta de libertação”.

Para artistas, produtores, curadores e demais áreas que trabalham com um tipo de arte que possa ser considerada transgressora vai ser sempre desafiador ter que lidar contestações a respeito do valor, da intenção ou da qualidade das suas obras. Uma obra de arte é, no fim, uma reunião de significados empregados por toda pessoa que terá contato com ela, logo seu sentido não se encerra no desejo do artista nem na leitura do público. As possibilidades de interpretação do nu vão variar a depender de cada indivíduo, cada cultura, cada idade, cada gênero, cada etnia, pois a vivência de cada sujeito vai afetar a maneira como cada um lida com a nudez

Essas entrevistas buscaram contemplar o conjunto de temas que perpassam a fotografia do nu. Temas que permearam todos os capítulos anteriores e conduziram as reflexões a respeito do nu na fotografia. Tanto no trabalho de Oppido, que produz imagens, quanto no de Chagas, que faz pesquisa e curadoria da produção visual do nu, há a intenção de apresentar o

corpo como fonte de significados. Esses trabalhos são evidências do diálogo do corpo com a sociedade e os múltiplos temas existentes nele.

CONCLUSÃO

A imagem do corpo humano está presente em diversas expressões de Arte desde os primórdios da humanidade. A nudez como um recurso artístico na história da arte é um fato inegável. Como fica evidente neste trabalho, o corpo sempre foi tema de interesse nas diversas formas de expressão humana e nunca deixou de ter relevância ao longo do tempo.

Apesar da importância do Nu e da sua ocorrência frequente nas obras de arte, o incômodo causado pela exibição da imagem do corpo em determinadas circunstâncias estimularam as reflexões expostas nessa pesquisa.

Este trabalho teve como objetivo geral demonstrar a relevância do Nu como fonte de expressão artística, dispositivo de significados e sentimentos e mecanismo de construção e questionamentos de valores sociais e culturais. A pesquisa procurou apresentar argumentos que evidenciam o sentido da existência do Nu em obras de arte, no intuito de contestar a noção que restringe o Nu a uma esfera exclusivamente sexual desprovido de sentido artístico. A investigação construída ao longo do texto sugere indícios de que essa aversão ao nu pode ter origem tanto na moralidade proveniente da doutrina católica-cristã, que frequentemente condena a nudez ou ainda na noção de civilidade que tende a produzir hierarquias sociais onde o nu é geralmente associado a selvageria, e a roupa é símbolo de civilidade.

A dimensão artística do Nu, apresentada através do histórico imagético, buscou construir uma base sólida que sustentasse os capítulos seguintes. Admitindo as evidências que o Nu sempre foi alvo de interesse do campo artístico e esteve presente na fotografia desde sua origem, fica evidente que não se trata de uma novidade no mundo da fotografia ou sequer uma forma de promover controvérsias a partir de uma arte “sem qualidade”.

A partir do ponto de vista sociocultural, observou-se que o Nu dialoga com uma série de questões sociais. As representações do corpo nu atravessam diversos temas significativos para a sociedade e podem atingir considerável efeito de reflexão sobre eles. Pôde-se observar, por exemplo, que a imagem do pênis pode ser deslocada do sentido estritamente sexual e aparecer como símbolo de fertilidade em um festival em lugar público frequentado por

famílias, sem causar qualquer tipo de constrangimento. Analisou-se também que a simbologia da nudez pode mudar de acordo com a cor da pele indivíduo, visto que a partir de uma perspectiva racial, o corpo negro Nu pode ser alvo de intensa objetificação. Assim como, dependendo do gênero do corpo exibido, sua nudez será assimilada de um jeito diferente, estabelecendo formas de regular os corpos e garantir que as performances se adequem as normas impostas. As questões referentes a autoestima também são atravessadas pelo Nu, o amor próprio versus a constante promoção de um padrão ideal de beleza é um confronto significativo na sociedade. A forma como um indivíduo avalia sua própria imagem, julga a aparência do outro ou se percebe alvo do julgamento alheio pode causar danos consideráveis nas relações consigo mesmo ou com o outros a sua volta. A apreensão do Nu produz culturalmente disputas de sentido e validação do mesmo, como buscou-se explicitar nesta pesquisa. O encontro entre o invasor europeu com os povos originários no Brasil serve como demonstração de como os conceitos de moralidade e civilidade associados a nudez dos indivíduos, auxilia o processo de hierarquização social e sustenta estigmas sociais que corrobora, por exemplo, a vestimenta como marca de caráter ou educação.

Politicante, Evidenciou-se como o corpo é alvo constante de tentativa de coerção e domesticação. Sendo assim, a pesquisa buscou analisar como as regras de civilidade vão sendo impostas sobre os corpos no intuito de promover a sua disciplinação. Constatou-se que as diretrizes que condicionam os comportamentos e tentam conter os desvios no mundo real também se aplicam na virtualidade. Sendo hoje, o mundo virtual uma extensão do mundo real (físico), as coibições aplicadas nesses espaço seguem lógicas semelhantes de censura e repreensão.

Como resultado do presente trabalho, verifica-se que o Nu inserido numa obra artística não só contribui para agregar signos à arte e revelar traços de comportamento dos grupos sociais em diferentes épocas, lugares e culturas, mas também, a partir dele pode-se levantar discussões à respeito de assuntos de importância fundamental para a sociedade. A arte é por vezes contestada sobre seu valor, questionada sobre seu papel no mundo ou condenada por se atrever a contestar as normas socioculturais. O fato é que

arte não desempenha necessariamente o papel de servir, ser utilitária, arte pode visar o entretenimento simples e no entanto pode e deve ser provocadora, pode contemplar o belo mas também jogar luz sobre o grotesco, pode ser vestida e nua. Tendo como fio condutor dessa pesquisa a verificação da relevância da imagem do Nu, este trabalho se propôs a gerar argumentos que contribuam com esse debate.

Como o objetivo principal do trabalho era abrangente buscou-se não intensificar o foco em cada ponto específico de cada contexto do Nu para não desviar do tema principal. Abordar diversas questões que atravessam o Nu como Arte, como foi proposto aqui, transportava junto um grande risco de afastar a pesquisa do seu viés central. Logo, para futuras pesquisas, investigar cada parte específica do tema pode ser de contribuição relevante para os estudos sobre o uso do Nu na Arte.

Por fim, a complexidade do tema e todas as suas sinuosidades torna difícil a missão de encerrar o assunto, que não há de encerrar nunca, visto que toda sua subjetividade será combustível constante para novas reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. [s.l.] Chão de Feira, 2018.

LE BRETON, D. A Sociologia do corpo. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LE BRETON, D. Adeus Ao Corpo. São Paulo: Papyrus, 2008.

LINS, R. N. A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.

LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1999.

PLATAO; NUNES, C. A. FEDON. Belém: ed ufpa, 2011.

WOLF, N. O mito da beleza: como as imagens de como beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

REFERÊNCIAS DE MÍDIA E INTERNET

A estatueta mais antiga do mundo. Disponível em:

<https://istoe.com.br/13406_A+ESTATUETA+MAIS+ANTIGA+DO+MUNDO/>. Acesso em: 13 dec. 2023.

A evolução das globelezas: do nude ao vestido. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/cultura/a-evolucao-das-globelezas-do-nude-ao-vestido>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Abaporu Malba. Disponível em: <<https://coleccion.malba.org.ar/abaporu/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Alair Gomes. Disponível em: <<https://mam.rio/artistas/100-anos-de-alair-gomes/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

AUBENAS, S. Eugène Durieu, senior civil servant, photographer and forger. In: **Études photographiques**. [s.l.] Société française de photographie, 2015.

BBC NEWS BRASIL. A história do negativo mais antigo que existe e o “momento perfeito” que ele registra. **BBC**, 10 Feb. 2017.

Biography. Disponível em: <<https://www.mapplethorpe.org/biography>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

BNDigital. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/alair-gomes-muito-prazer/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

CRUZ, W. **Pedalada Pelada 2016 acontece dia 5 de março, em várias cidades do Brasil e do mundo.** Disponível em: <<https://vadebike.org/2016/02/pedalada-pelada-sao-paulo-rio-de-janeiro-florianopolis-blumenau/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Dante et virgile. Disponível em: <<https://www.musee-orsay.fr/en/artworks/dante-et-virgile-153692>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Diretrizes da Comunidade - Instagram. Disponível em:

<https://help.instagram.com/477434105621119/?helpref=hc_fnav>. Acesso em: 13 dec. 2023.

DOS SANTOS, C. C. **Hiperssexualização do corpo negro masculino.** Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/hiperssexualizacao-do-corpo-negro-masculino/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

DVORAK, P. **Men were once arrested baring their chests beach.** Disponível em:

<<https://www.washingtonpost.com/history/2019/01/05/men-were-once-arrested-baring-their-chests-beach/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Eadweard Muybridge. Disponível em: <<https://fraenkelgallery.com/artists/eadweard-muybridge>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Eadweard Muybridge , Human & Animal Locomotion - USC Digital Library -- Store.

Disponível em: <<https://usclibstore.usc.edu/Eadweard-Muybridge/Edward-Muybridge-Human-Animal/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Em protesto, 125 pessoas surgem nuas na sede do Facebook em Nova York. Disponível em: <<https://glamour.globo.com/lifestyle/noticia/2019/06/125-pessoas-posam-nuas-nas-ruas-de-nova-york-em-protesto.ghml>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Exhibitions/street projects —. Disponível em: <<https://www.guerrillagirls.com/exhibitions>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Facebook censura fotos de Sebastião Salgado de tribo indígena da Amazônia - 04/09/2018 - Poder - Folha. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/facebook-censura-fotos-de-sebastiao-salgado-de-tribo-indigena-da-amazonia.shtml>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Falo. Disponível em: <<https://www.falomagazine.com/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

FERNANDES, M.; MARTINELLI, A. **Por que a ‘nova Globeleza’ é um avanço para a representatividade das mulheres negras no Brasil.** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-que-nova-globeleza-e-um-avanco-para-representatividade-das-mulheres-negras-no-brasil/#:~:text=A%20gente%20tem%20uma%20diversidade,de%20imagens%20que%20refor%C3%A7am%20isso.%E2%80%9D>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Guerrilla Girls: há 30 anos lutando pela igualdade de gênero no universo das artes. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2017/07/lutando-pela-igualdade-de-genero-no-universo-das-artes-ha-mais-de-30-anos-conheca-as-guerrilla-girls/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

GUIMARÃES, P. **Subversão do artigo 175 do Código Penal Japonês: três casos.** Disponível em: <<https://wrongwrong.net/artigo/subversao-do-artigo-175-do-codigo-penal-japones-tres-casos>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

HARVEY, A. **33 images of Shunga, the erotic art that gripped japan during the Edo period.** Disponível em: <<https://allthatsinteresting.com/shunga>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Japan’s Annual Penis Festival Is As Phallic As You’d Expect (PHOTOS). Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/japan-penis-festival-kanamara-matsuri_n_5106378>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Kanamara matsuri: When does japan’s penis festival start? (NSFW PHOTOS). Disponível em: <https://www.huffpost.com/archive/ca/entry/kanamara-matsuri-when-does-japans-penis-festival-start-nsfw_n_5087119>. Acesso em: 13 dec. 2023.

KITCHING, C. Giant phalluses carried through Kawasaki City, Japan for Kanamara Matsuri festival. **Daily mail**, 7 Apr. 2015.

LEÃO, A. L. **Mais de 13 mil ciclistas morreram no trânsito no país nos últimos dez anos.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/mais-de-13-mil-ciclistas-morreram-no-transito-no-pais-nos-ultimos-dez-anos-24614867>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

L’Origine du monde. Disponível em: <<https://www.musee-orsay.fr/en/artworks/lorigine-du-monde-69330>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

MALVA, P. **Há 203 anos, a fascinante “Vênus de Milo” era descoberta.** Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/sem-bracos-e-sem-respostas-o-misteiro-da-venus-de-milo-escultura-descoberta-ha-200-anos.phtml>>. Acesso em: 13 dec. 2023a.

MALVA, P. **Pioneira: A primeira fotografia tirada na História**. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/qual-e-primeira-fotografia-ja-tirada.phtml>>. Acesso em: 13 dec. 2023b.

MASP. Disponível em: <<https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

MORALES, M. **Spencer Tunick, o fotógrafo que desnuda o mundo**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/03/album/1538592633_717962.html>. Acesso em: 13 dec. 2023.

MOREIRA, É. **A história da fascinante escultura “David”, de Michelangelo**. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-da-fascinante-escultura-de-david-de-michelangelo.phtml>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

OLIVEIRA, M. **Instagram veta, fotógrafa vai à Justiça e recupera perfil de nus artísticos**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/17/fotografa-questiona-regra-de-nu-do-instagram-na-justica-e-recupera-perfil.htm>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Página - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1376/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

PAIVA, V. **#365nus: Fotógrafo se impõe o desafio de publicar um nu artístico para cada dia do ano**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2016/03/365nus-fotografo-se-impoe-o-desafio-de-publicar-um-nu-artistico-para-cada-dia-do-ano/>>. Acesso em: 13 dec. 2023a.

PAIVA, V. **Conheça o trabalho visionário de Robert Mapplethorpe, fotógrafo que foi amante de Patti Smith**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2016/03/conheca-o-trabalho-visionario-de-robert-mapplethorpe-fotografo-que-foi-amante-de-patti-smith/>>. Acesso em: 13 dec. 2023b.

PAIVA, V. **O corpo como discurso político e a nudez como forma de protesto**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2016/07/o-corpo-como-discurso-politico-e-a-nudez-como-forma-de-protesto/>>. Acesso em: 13 dec. 2023c.

PEREIRA, J. **Nova Vênus paleolítica é encontrada na França**. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/nova-venus-paleolitica-e-encontrada-na-franca.phtml>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

PEREIRA, T. **A luta de uma mãe na justiça – e o apoio das pessoas – por causa de uma foto viral no Facebook**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2017/01/a-luta-de-uma-mae-na-justica-e-o-apoio-das-pessoas-por-caoa-de-uma-foto-viral-no-facebook/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Pesquisa encontra gravura rupestre mais antiga das Américas em MG. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/02/pesquisa-encontra-gravura-rupestre-mais-antiga-das-americas-em-mg.html>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

PISSARRA, M. “Deep Ambivalences: Malangatana’s Anti/Colonial Aesthetic” by Mário Pissarra. 2021.

Poesia com elos. Disponível em: <<https://pfacco.wixsite.com/pfacco/poesia-com-elos>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

RESENDE*, V. **Os primeiros nus celebram a vida: Conheça as Estatuetas de Vênus.** Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/valdo-resende/os-primeiros-nus-celebram-vida-conheca-as-estatuetas-de-venus.phtml>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

REVISTA, Z. U. M.; VASQUEZ, P. **A janela indiscreta de Alair Gomes.** Disponível em: <<https://revistazum.com.br/zum-magazine-6/janela-indiscreta-alair/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

RIO, U. **ONU: 68 milhões de mulheres e meninas poderão sofrer mutilação genital até 2030.** Disponível em: <<https://unicrio.org.br/onu-68-milhoes-de-mulheres-e-meninas-poderao-sofrer-mutilacao-genital-ate-2030/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

RUBIN, N. **A grande viagem da fotografia, por Nani Rubin.** Disponível em: <<https://ims.com.br/2020/01/13/a-grande-viagem-da-fotografia-oriental-hydrographe-nani-rubin/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

SANTANA, M. **Censurada, novamente, a fotógrafa Pamela Facco cobra judicialmente o Instagram mesmo após ter ganho caso em 2019 contra danos morais à sua conta.** Disponível em: <<https://midianinja.org/marianesantana/censura-no-instagram-a-historia-de-pam-facco-uma-fotografa-que-ganhou-cao-na-justica-e-mesmo-assim-teve-sua-conta-deletada/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Shunga history and exhibition. Disponível em: <<https://www.timeout.com/tokyo/art/shaking-up-the-shunga-taboo>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

“Taradinho”, grafismo encontrado pode ser o mais antigo das americas. Escavações no Sumidouro revelam. Disponível em: <https://www.lagoasanta.com.br/homem/escavacao_sumidouro_08_07.htm>. Acesso em: 13 dec. 2023.

The large bathers. Disponível em: <<https://philamuseum.org/collection/object/104464>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Thomas Cowperthwait Eakins biography with all details. Disponível em: <<https://www.thomaseakins.org/biography.html>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Topless de protesto de cantora chilena Mon Laferte revoluciona tapete vermelho do Grammy. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/11/15/topless-de-protesto-de-cantora-chilena-mon-laferte-revoluciona-tapete-vermelho-do-grammy.ghtml>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

VAN DEURSEN, F. **No Japão, “festa do pênis” era sobre fertilidade. Hoje é sobre diversidade.** Disponível em: <<https://terraavista.blogosfera.uol.com.br/2019/04/06/no-japao-festa-do-penis-era-sobre-fertilidade-hoje-e-sobre-diversidade/>>. Acesso em: 13 dec. 2023.

Venus of Urbino. Disponível em: <<https://www.uffizi.it/en/artworks/venus-urbino-titian>>. Acesso em: 13 dec. 2023.